

## A correspondência de Santo André Avelino com Maria de Portugal: limites e orientações do que poderia dizer-se uma «direcção espiritual»

I - A mais antiga referência que, até hoje, logramos registar à possível direcção espiritual de Maria de Portugal (ou, se optarmos por uma designação dinástica, de Avis, ainda que, de Bragança a possa, por linha materna, igualmente identificar) por Santo André Avellino (1521-1608) aparece no *Índice de las Glorias de la Casa Farnese* (Madrid, 1716), a magna e informadíssima obra de D. Luis de Salazar y Castro. O grande genealogista, para além de uma ou outra breve nota sobre a princesa, dedica todo um capítulo às *Memorias de la Princesa Doña Maria de Portugal*<sup>1</sup> em que tenta verificar «en pocas lineas» se, pelas «sus incomparables virtudes», «nuestra princesa es digna acrehedora de la veneracion, que logró en Ia vida, y del respecto que se tributa à su memoria tantos años despues de la muerte»<sup>2</sup>. O resultado é, evidentemente, uma erudita biografia em que convirá destacar a contribuição das páginas que, a propósito do papel do seu marido, Alexandre Farnese, na Flandres nos dias de Filipe II, lhe consagra, em *De Bello Belgico*, o jesuíta Famiano Strada. Aí, Salazar y Castro, depois de largamente «compôr» as informações do Padre Strada, remata: «Tuvo la Princesa gran familiaridad con S. Andrès de Avelino Religioso Cayetano, que passando por sus instancias a Parma, la diò grandes consuelos en sus santas direcciones. Y quando, ò por la obediencia, ò por otras necessidades de su instituto, fuè preciso, que aquel incomparable

---

<sup>1</sup> Luis de SALAZAR Y CASTRO, *Índice de las Glorias de la Casa Farnese, o Resumen de las Heroicas Acciones de sus Principes*, Madrid, 1716, VIII (*Glorias de la Princesa Doña Maria de Portugal*), 654-667.

<sup>2</sup> Luis de SALAZAR Y CASTRO, *Índice de las Glorias de la Casa Farnese...*, ed. cit., 655.

varon se ausentasse, le obligaron las ferverosas instancias de la Princesa, à continuaria sus saludables documentos por cartas. Y el no solo la regalava con ellas, à lo menos una vez cada mes; pero por sus ruegos escribiò un breve, aunque insigne, tratado del desprecio del Mundo. Con este tan poderoso socorro, y con su gran genio, para el abandono de todas las cosas perecederas, no es mucho que la Princesa se adelantasse de modo, que pudiesse dar reglas de perfeccion à las otras, y hacerlas justissimas para si misma»<sup>3</sup>. Não será necessário uma grande familiaridade com as fontes da biografia de Maria de Portugal para verificar que Salazar y Castro reproduz, sem alterações de relevo, o que escreve a maioria dos que, com mais ou menos extensão, se ocuparam, no século XVIII, da princesa de Parma. Contudo, apesar de conhecer alguma das mais antigas e pouco originais - para não as dizer pobres - exposições portuguesas da vida de D. Maria - nomeadamente, a que traz no *Jardim de Portugal* (Lisboa, 1626) Fr. Luis dos Anjos<sup>4</sup> - não deverão ter sido essas as suas fontes para esta relação do santo napolitano com a princesa. Luis dos Anjos, por exemplo, nada diz a tal respeito. Mesmo que o possa ter lido em alguma outra biografia de André Avellino, Luis de Salazar leu-o, antes de mais e com mais atenção, porque ele mesmo no-lo garante, nas páginas do que haveria de ser o quarto tomo *Agiológico Lusitano...*, a grande obra que Jorge Cardoso ideou, programou e de que escreveu os três primeiros tomos, e que D. António Caetano de Sousa se propôs continuar. Apenas, como se sabe, logrou acabar esse quarto tomo, publicado em Lisboa em 1744... Mas, D. António Caetano de Sousa, que, até certo ponto, poderia dizer-se um discípulo do genealogista espanhol, comunicou-lhe as páginas desse volume que, em 8 de Julho, se dedicam à princesa<sup>5</sup>. Com efeito, «en la grande obra del Agiologio Lusitano, que dejada em junio por el sabio Doct. Jorge Cardoso, continúa con mucha utilidad el P. D. António; y en solo una parte del dia 8 de Julio, que nos ha permitido su amistad, acredita bien lo que su fecunda erudicion se fatiga en perfeccionar aquel assumpto. Alli se verá, con diestrissimas pinceladas, el fiel retrato de nuestra princesa, de que aqui

---

<sup>3</sup> Luis de SALAZAR Y CASTRO, *Índice de las Glorias de la Casa Farnese...*, ed. cit., 664.

<sup>4</sup> Luis de SALAZAR Y CASTRO, *Índice de las Glorias de la Casa Farnese...*, ed. cit., 665.

<sup>5</sup> António Caetano de SOUSA, *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varões Illustres em Virtude da Reino de Portugal, e suas Conquistas*, IV, Lisboa, 1744, 85-99.

solo ofrècemos un breve diseño, una imperfecta copia»<sup>6</sup>. Uma interessante informação para a «República das Letras» peninsular, e muito mais interessante para aprofundar o que já sabíamos pela cronologia (1721-1744) das diferentes «licenças de impressão» desse quarto (e último) tomo do *Agiológico*: a longa demora - e as longas dificuldades que, muitas vezes, tinham a cor da falta de interesse - da sua edição. A estarmos pela notícia de D. Luis de Salazar, poderia aceitar-se que desde 1716 o teatino português, se não o tinha já completamente escrito, andaria com esse tomo quase pelo meio.

Salazar y Castro remete ainda para as cartas da princesa «en estilo antiguo...» que, como o informava o seu correspondente, deveriam vir a ser publicadas pelo Padre Sousa... Nessas páginas que forneceu a D. Luis de Salazar apontaria também o genealogista e hagiógrafo português as cartas do santo napolitano dirigidas à princesa de Parma? Independentemente do que possa ter sido a história da edição da correspondência de André Avellino — vastíssima e, mesmo assim, lacunar<sup>7</sup> —, a menos que D. António Caetano de Sousa tenha tido acesso a informações particulares sobre essa correspondência anteriores a qualquer edição, não lhe era possível, antes de 1731, conhecer tais cartas, pois, tanto quanto sabemos, foram publicadas pela primeira vez, em Nápoles, nesse ano. Mas a informação que o continuador do *Agiológico* dá sobre essa correspondência revela-se ligeiramente incompleta, isto é, como veremos, não refere, de acordo com essa edição que cita, todas as cartas do santo para D. Maria<sup>8</sup>, o que pode-

---

<sup>6</sup> Luis de SALAZAR Y CASTRO, *Indice de las Glorias de la Casa Farnese*, ed. cit., 665.

<sup>7</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere Scritte del Glorioso S. Andrea Avellina a Diversi suoi Divoi*, Napoli, 1731-1723 (2 vol.s). O I vol. desta edição contém 357 cartas e o II, 642, o que perfaz 999, mas, a este número há que juntar no II vol. duas (2) não datadas *Lettere... ritrovate fuor d'ordine*, o que totaliza 1001, mas este número apenas deverá ser cerca de um terço da correspondência do santo, como assinala, por exemplo, D. Giuseppe de LUCCA in *Dictionnaire de Spiritualité, Ascétique et Mystique*, I, Paris, 1937, 551-554. Citaremos sempre essa edição napolitana por *Lettere...*, seguido da indicação do volume, do número da carta, da respectiva paginação, do nome do destinatário e da data da missiva, com repetições que poderão, por vezes, parecer abusivas, mas que se destinam a facilitar o jogo das informações datadas. Na transcrição dos textos procuramos respeitar literalmente a lição da edição que seguimos, mesmo quando suspeitamos de algum erro de tipografia.

<sup>8</sup> António Caetano de SOUSA, *Agiológico Lusitano...*, IV, ed. cit., 101, cita cor-

ria indiciar que não terá conhecido a obra e que, provavelmente, se terá baseado em informações de algum correspondente<sup>9</sup>. Em 1738, porém, no capítulo da *História Genealógica da Casa Real* em que trata *Da Senhora D. Maria, Princesa de Parma, e da sua sucessão*, o célebre teatino tinha já aludido a que «a sua vida foy muy justificada, e teve o seu espirito sugeito, e dirigido pela prudencia, e santidade daquelle grande filho de S. Caetano, o Padre D. André Avellino, que naquelle tempo era o respeito de Italia, e hoje veneramos Canonizado no Altar como a Santo»<sup>10</sup>, sem contudo, aludir, precisamente, a qualquer carta. E nas *Provas* dessa sua *História Genealógica* nada traz a esse respeito. Será, como já sabemos, no *Agiolégio Lusitano* que, ao fio da glosa e, muitas vezes, da tradução da obra de Sebastião de Moraes, o Padre Sousa nos informa que a princesa «teve a fortuna de o ser [seu confessor] aquelle grande Mestre de espirito Santo André Avelino, que então florescia em Itália...», explanando, largamente, a «descoberta» do santo por Maria de Portugal, para rematar que «quando esta virtuosa princesa não tivera antecedentemente huma vida tão

---

rectamente, segundo a numeração da edição napolitana de 1731, cinco canas de André Avellino para D. Maria (n.º 62, 72, 77, 87, 90), omitindo, contudo, duas cartas (n.º 65, 66). Distracção, ou resultado de não ter compulsado directamente a edição que refere? Haverá que notar que, integral ou parcialmente, algumas das cartas do santo para a princesa de Parma deveriam circular em ambientes teatinos, a julgar das alusões, mais ou menos precisas, que lhe fazem já os primeiros hagiógrafos, como, por exemplo, Gio. Batt. CASTALDO, *Della Vita del Padre Don Andrea Avellino, Chierico Regolare. Breve Relazione.*, Napoli, s.a. (1613, que é a data da dedicatória a Isabel de Savoia, Princesa de Modena), que cita (X, 63-64), explicitamente, em prova do espírito profético do Padre Avellino, um passagem de uma carta (22.4.1572) do santo a Maria, que é a última que, actualmente, dessa correspondência conhecemos (*Lettere...*, I, 90); também Francesco BOLVITO, *Beati Andreae Avellini Clerici Regularis Neapolis et Panormi Patroni Vita*, Napoli, 1625, II, 17, 197 cita, em tradução latina, algumas passagens dessa correspondência demonstrativas do «zelus salutis animarum, et charitatis in proximos».

<sup>9</sup> António Caetano de SOUSA, *Agiolégio Lusitano...*, IV, ed. cit., 101 citando, em italiano, o texto de alguma carta de Santo André Avellino a Ranuccio I Farnese (*Lettere...* II, n.º87, 105), parece sugerir, uma vez mais, que conheceu a edição que cita. Apesar de tudo, nada impede pensar lhe teriam também extractado esse texto, tal como ele próprio procedeu para com Salazar y Castro. Curiosamente, não conseguimos localizar um só exemplar dessa edição napolitana em bibliotecas portuguesas..., que também falta na B. N. Madrid..., na B. U. de Salamanca..., na do R. M. El Escorial...

<sup>10</sup> António Caetano de SOUSA, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, III, Lisboa, 1737, cap. XII (aliás, Coimbra, 1947, 265).

justificada, bastava para que o fosse, ter sogeito o seu espirito aos dictames, e prudência de santo André Avelino, cujas palavras arrebatavão os corações, e fazião esquecer de tudo o temporal, por amar o Eterno»<sup>11</sup>. Mas acabou por não publicar, como terá pensado - segundo se pode deduzir da informação de Salazar y Castro - as cartas da princesa...

Diogo Barbosa Machado, no segundo volume das *Memórias para a Historia de Portugal que comprehendem a Governo delrey D. Sebastião* referentes ao ano de 1565, publicado em 1737 (Lisboa), nada sabe sobre tal assunto, embora pudesse sabê-lo ou por informação do Padre D. António, ou por o ter lido em Salazar y Castro, já que o cita<sup>12</sup>... No entanto, um pouco mais estranhamente ainda, quando, no quarto tomo dessas *Memórias*, que editará em 1751 (Lisboa), recordar, como acontecimento do ano de 1577, a morte da princesa Maria<sup>13</sup>, continuará o Abade de Sever a guardar o mesmo silêncio... Um silêncio, porém, que quebra na *Biblioteca Lusitana*, pois aí informa, em 1752, numa clara dependência do *Agilógio Lusitano*<sup>14</sup>, que D. Maria «mereceo, que fosse Director de sua consciência Santo André de Avellino, de cujos preceitos sahio consummada nas escola da perfeição Evangélica». Para um irmão de um teatino - D. José Barbosa - que pregou (10.11.1713) um sermão nas festas, em Lisboa, por ocasião da canonização, nesse mesmo ano, do taumurgo napolitano, sermão a que assistiu D. João V<sup>15</sup>..., esta será sempre uma parca e tardia referência...

De todos os modos, parece ser aceitável defender que essa possível direcção espiritual terá, quase naturalmente, ganhado um maior relevo depois que Clemente XI inscreveu, em 1713, André Avellino no catálogo dos santos e que os teatinos, nomeadamente, *et pour cause*, os portugueses, gostaram de sublinhar essa relação espiritual, curiosamente, pelos mes-

---

<sup>11</sup> António Caetano de SOUSA, *Agilógio Lusitano...*, IV, ed. cit, 91-92.

<sup>12</sup> Diogo Barbosa MACHADO, *Memorias para a Historia de Portugal...*, II, ed. cit., 508-535

<sup>13</sup> Diogo Barbosa MACHADO, *Memorias para a Historia de Portugal...*, IV, ed. cit., 137-141.

<sup>14</sup> Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, III, Lisboa, 1752 (aliás, Coimbra, 1966,415-418).

<sup>15</sup> Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, II, Lisboa, 1747 (aliás, Coimbra, 1966, 825-830). O Abade de Sever que não refere qualquer edição deste sermão, aponta, porém, um outro em honra de Santo André Avellino, pregado por seu irmão na Igreja de Nossa Senhora da Providência em 10.11.1732 e publicado, em Lisboa, no ano seguinte.

mos anos em que Isabel Farnese, uma descendente da princesa portuguesa, se tornava (1715) rainha de Espanha<sup>16</sup>... As biografias de Santo André Avelino que depois destes anos se escreveram na Península Ibérica, não terão esquecido estes dados<sup>17</sup>, dados que ganharão um novo horizonte quando em 1736 (Madrid) se publicarem, traduzidas em castelhano por D. Luís Briceño Fernández de Córdoba, também ele dos Clérigos Regulares, as *Cartas de S. Andres Avelino... Escritas en Toscano a algunos Príncipes da Serenissima Casa Farnesio*<sup>18</sup>, quer dizer toda a correspondência de André Avelino com Maria de Portugal, Octavio Farnese e Ranuccio I Farnese, uma selecção do seu epistolado que pretende celebrá-lo diante de Isabel Farnese, a quem vem dedicada essa recolha, como «el santo de los Príncipes Farnesios», isto é, o santo protector da sua família<sup>19</sup>... Compreendemo-lo, pois já Francesco Bolvito, também ele Clérigo Regular, que seguramente conheceu o santo, o disse, por várias vezes, «Farnesiis reverendus»...<sup>20</sup>.

Um dado biográfico desde sempre tido em consideração? Talvez, não tanto. Com efeito, curiosamente, a *Lettera scritta dal R. P. Confessore della Serenissima Prencipessa di Parma, et Piacenza ad una prencipale Signora sopra la Vita et Morte di Sua Alteza, Data in Parma il di XV di Luglio* (1577), que logo veio a circular como a primeira biografia de Maria de

---

<sup>16</sup> Antonio Caetano de SOUSA, *Agiologio Lusitano*, IV, ed. cit., 101-106 polemiza largamente contra Salazar y Castro por causa dos «direitos que tem [a Casa de Parma] às Coroas de Portugal, e Inglaterra», (p. 102) do que se seguiria, pelo menos, o direito ao título de Alteza Real para a Casa de Parma (p.106).

<sup>17</sup> Angel Thomas FERNANDEZ MORENO, C. R.. *Vida, Virtudes, y Milagros del Grande Abogado del Cielo, San Andres Avelino, Pasmó de Santidad, y Gloria de Nápoles...*, Zaragoza, 1754, 78-79 é um exemplo da difusão desse papel do santo teatino junto de D. Maria de Portugal. Agradeço a Jacobo Sanz Hermida o ter-me revelado esta biografia, bem como o ter posto à minha disposição um exemplar da obra citada na nota seguinte.

<sup>18</sup> Andrés AVELINO, *Cartas... escritas em Toscano a algunos principes de la Serenissima Casa Farnesio, traducidas por el R.mo Padre Don Luis Briceño Fernandez de Cordova, Clerigo Regular...* Madrid, 1736. A tradução, se, de um modo geral, pode dizer-se correcta e com brios de elegância quanto ao sentido, nem sempre é de fiar quanto à letra...

<sup>19</sup> Luis BRICEÑO, dedicatória a Isabel Farnesio, segunda mulher de Filipe V de Espanha, da tradução das *Cartas...* de Santo André Avellino a membros da Casa Farnese, citada na nota anterior (s. p.).

<sup>20</sup> Francesco BOLVITO, *Beati Andreae Avellini Clerici Regularis Neapolis et Panormi Patroni Vita*, ed. cit.. 45 *et passim*.

Portugal, isto é, *La Vita et Morte della Serenissima Principessa di Parma, et Piacenza*, se bem que recorde outros jesuítas e dois dominicanos e até algum religioso sem referência à sua ordem, não alude, nem directa nem indirectamente, a tal direcção nem, sequer, a qualquer encontro ou carteiro da princesa com o santo napolitano. Também nela se esquecem os capuchinhos, ordem que sabemos recentissimamente protegida do duque Ottavio, de Alexandre<sup>21</sup> e de Maria de Portugal, tendo até sido estes, em alguma ocasião, como que secretários e intermediários entre o teatino napolitano e a princesa de Parma. E André Avellino há-de vir a lembrar à princesa Maria que ela vivia entre capuchinhos e jesuítas<sup>23</sup>... E se Maria, tal como sua mãe e irmãos, tinha feito os «exercícios» de Santo Inácio<sup>24</sup>, é também possível assinalar outros testemunhos, um pouco tardios, é certo, mas significativos da continuação da importância de uma presença capuchinha que, geralmente, os primeiros biógrafos de Maria parecem ignorar. Recordemos apenas que um capuchinho português, Fr. Zacarias de Lisboa, não só dirigiu uma *Catholica Consolatio ad Cives Parmenses et Placentinos*

---

<sup>21</sup> Stanislao da CAMPAGNOLA, *Il duca Ranuccio I Farnese fondatore della biblioteca dei Cappuccini di Fontevivo (Parma)* in *Collectanea Franciscana*, 38 (1968), 312-363 (esp. 310 e 316 em que chama a atenção para o facto da presença capuchinha em Parma não se poder situar antes de 1565-1566, sempre devida ao interesse de Ottavio Farnese).

<sup>22</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 62, 151, a Maria de Portugal, Piacenza, 15.6.1571: «Da Frà Petronio Cappuccino in nome di sua Alteza, m'è stato scritto...». A Ottavio Farnese, possivelmente pelas mesmas datas, escreverá: «Posciache non havendo potuto parlarmi avanti la sua partenza, ha voluto visitarmi per messo del suo caro signor Pietro Bresciano, quale da parte di sua Eccellentia m'a fatte molte offerte, e non contenta di questo m'a mandate le sue salutationi à me carissime per lo Reverendo Padre Frà Honorio Guardiano dei Cappuccini...», *Lettere...*, I, 89, 197, Piacenza, s. d.

<sup>23</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 62, 151, a Maria de Portugal, Piacenza, 15.6.1571: «...ma non pensava scriverle, non che mi rincrescesse la fatica (havendo io animo di poner l'honor, e'l sangue, e la propria vita per la sua salute, e consolatione) ma considerando, che costì sono i vivi martiri di Christo, dico i Padri Cappucini (la cui vita mostra che conto dobbiamo fare delle consolationi, e vanità del Mondo) ci sono ancora i Padri Gesuini (per la cui dottrina, e vita io ho lasciato il Mondo) per questo non mi pareva necessario di scriverle...»; I, 65, 157 a Maria de Portugal, Piacenza, 9.7.1571: «Non giudico sua Altezza haver bisogno de' miei avvertimenti, havendo appresso di se di continuo questi buoni Padri del Giesú, e Cappucini, quali di vita, e di dottrina mi superano di gran lunga...».

<sup>24</sup> Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, I. 1, Porto, 1925, 637

(Roma, 1594) por ocasião da morte de Alexandre Farnese, mas também traduziu a *Imagem da Vida Cristã* de Fr. Heitor Pinto para italiano (Veneza, 1594) dedicada ao mesmo príncipe<sup>25</sup>... Os capuchinhos poderiam mesmo representar para a princesa portuguesa uma versão nova e reformadíssima - então ainda não conhecida no Portugal que deixou - de outras reformas franciscanas peninsulares que seu avô, Jaime de Bragança, protegeu, ele que mandou traduzir e publicar o *Tratado de como San Francisco buscó y halló la Santa Pobreza* (Lisboa, 1556)...<sup>26</sup> E, conseqüentemente, dela, que chegou a desejar fazer-se clarissa, poderia dizer-se, glosando o seu confessor, que «era tanta la riverentia e devotione, ch'ella portava a questo habito di S. Francesco, che veramente si può dire, che il suo cuore era di quello stesso vestito»<sup>27</sup>. E, neste contexto, é legítimo perguntar se não será dela a tradução do *Viae Sion lugent* ou *Mystica Theologia* de Hugo de Balma, então atribuído a S. Boaventura, que se guarda na B. N. de Nápoles<sup>28</sup>, ela que era uma tão devota leitora do santo franciscano que será este o único autor que o seu confessor há-de destacar<sup>29</sup>, antes de recordar que durante a sua última doença mandava que lhe lessem Luis de Granada, o que, aliás, dir-se-ia denotar uma leitura que lhe era familiar<sup>30</sup>...

Como se sabe, porém, essa *Vitae Morte de la Serenissima Principessa*

---

<sup>25</sup> D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, III, ed. cit., 796.

<sup>26</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 41, 106 à duquesa de Nocera, 15.9.1568 antecipava já, quase com as mesmas fórmulas, o juízo que há-de vir a fazer junto de Maria de Portugal sobre os capuchinhos e que ficou acima referido: «i veri figliuoli di San Francesco, vivi martiri di Christo...».

<sup>27</sup> Sebastião de MORAIS, *Vila e Morte della Serenissima Principessa di Parma et Piacenza*, Bologna, 1578, 1 lv.. (Citaremos sempre esta obra por *Vita...*).

<sup>28</sup> Achille PELLIZZARI, *Portogallo e Italia nel Secolo XVI. Sudi e Ricerche Storiche e Litterarie*, Napoli, 1914, 287-322 tratou deste ms. entre *I Manoscritti Portoghesi della Biblioteca Nazionale di Napoli*, e dele nos ocuparemos dentro em breve na moldura das traduções franciscana levadas a cabo por ou com o patrocínio de Fr. Marcos de Lisboa, personagem com quem a princesa de Parma esteve em contacto, pois por ele, no seu testamento, se lembra de uma sobrinha do mesmo Fr. Marcos, recomendando-a à infante Isabel, sua mãe (Conf. *Testamento* in António Caetano de SOUSA, *Provas da História da Casa Real...*, ed. cit., 347. Citaremos sempre por *Testamento...*).

<sup>29</sup> Sebastião de MORAIS, *Vita...*, ed. cit., 14r.

<sup>30</sup> Sebastião de MORAIS, *Vila...*, ed. cit., 22r.. Nada permite identificar a obra de Fr. Luis de Granada a que se refere o testemunho de Sebastião de Moraes. De todos os modos, André Avellino escrevia à condessa Giulia Sanseverino: «E pero la prego, chelegga, e medita spesso, le meditazzioni di Frà Luigi di Granata, che fà per tutta la set-

*di Parma*, mais que uma breve biografia em forma, é uma série de recordações, nem sempre ordenadamente expostas - essa leve desordem que lhes acentua a nostalgia e confere uma viva «objectividade» - que, de algum modo, servem de comentário a um «memorial de vida» ou «regra de vida» que a princesa escrevera para si e sempre trazia consigo e que, por sua morte, foi encontrada entre os seus papéis<sup>31</sup>. Estas vívidas recordações sobre a vida e sobre a morte da princesa de Parma alcançaram alguma notabilidade editorial<sup>32</sup> - cedo, desde 1587, foram traduzidas e, depois, comentadas em castelhano<sup>33</sup> -, são obra, nem deveria ser preciso recordá-lo, de Sebastião de Morais, o jesuíta que, como confessor, acom-

---

timana, per la matina, e per la notte, che sentirà grandissimo profitto all'anima sua...» (*Lettere*, I, 86, 193, Piacenza, 7.3.1572). Naturalmente, o santo napolitano estava a recomendar o *Libro de la Oración y Meditación...* De todos os modos, tem interesse seguir a continuação da carta: «E se ben che qualche volta il Demónio le farà parere quelle cose [a meditação do livro de Fr. Luis de Granada que acabava de recomendar] troppo difficili a fare, non si spaventa, anzi diasi buon' animo, ch'l Sgnore farà ogni cosa facile colla sua gratia, quale con ogni sforzo deve domandare, si come fà la sua caris-sima Principessa di Parma, quale deve seguire in ogni modo, si vuole essere grata à Dio di tante gratie singolari...». Do exemplo da princesa também o exemplo da leitura? Não necessariamente, mas poderia ser uma sugestão a explorar.

<sup>31</sup> O Padre Morais encontrou, seguramente, esse «memorial de vida» ao cumprir uma exigência do testamento da princesa, em que esta mandava que o seu confessor - que há que entender por o jesuíta português - teria de estar presente à abertura dos seus escritórios e arcas em que guardava papéis (*Testamento* in António Caetano de SOUSA, *Provas da Historia da Casa Real...*, ed. cit., 348).

<sup>32</sup> Como simples indicação a explorar e a completar, registemos as edições de Bolonha, Alessandro Benaci, 1578; Milão, Michel Tini, 1578; Milão, Pacif. Ponzio, 1578 juntamente com a *Vita del Serenissim. Signor D. Duarte, suo Fratello*; Roma, Eredi d'Antonio Blado, 1578 {junto, igualmente, com a *Relazione dell'Infermità e Morte del Sereniss. S. Don Duarte, Cugino del re di Portogallo, e Fraello della Serenissima principesca di Parma e Piacenza, falta da un Padre della Compagnia di Gesù, il quale vi fu presente*}, Parma, Vioti, 1582; Venezia, apresso Gioliti, 1583 ( de acordo com Felice da MARETO, *Bibliografia Generale delle Antiche Provincie Parmensi, II - Soggetti*, Parma, 1974, *sub voce Maria de Portogallo*); Venezia, apresso Gioliti, 1584 (também com a *Relazione dell'Infermità e Morte* de D. Duarte); Verona, G. Discepolo, 1592; Roma, apresso Cario Vullieti, 1602 (com a indicação do autor: «P. Sebastiano de Morales»), Nápoles, Lazaro Scorrigio, 1612. (Utilizaremos aqui a edição de Bolonha acima referida).

<sup>33</sup> Em 1587 (Barcelona, Jerónimo Genovés) foi publicada o *Libro de la breve relación de la Vida y Muerte exemplarissima de la Princesa de Parma de felice memoria*, isto é, a tradução em castelhano da *Vita e Morte*, com anotações de D. Pérez de Valdi-

panhou entre 1565 e 1571, Maria de Portugal<sup>34</sup> e a quem, igualmente, se deve o mais pormenorizado relato da viagem da princesa de Bruxelas a Parma<sup>35</sup>, e constituem, ainda hoje, quase a única fonte para, com algum rigor, conhecer a biografia (a espiritual, pelo menos) daquela que nunca foi duquesa de Parma... E nada admira que essa *Lettera* de Sebastião de Moraes tenha sido, com mais ou menos flores de retórica, glosada por todos os que tiveram que ocupar-se ou, simplesmente, que referir-se à mulher de Alexandre Farnese. Entre os mais notáveis desses glosadores do confessor - confessor, de certo modo, institucional, entenda-se<sup>36</sup> -, está Famiano Strada, outro jesuíta, no célebre *De Bello Belgico* (Roma, 1632 e 1638, respectivamente, a 1ª e 2ª *Décadas*). O Padre Strada, porque, em relação à biografia da mulher desse outro «Alexandre», pouco mais faz que repetir, resumidamente, a *Carta* de Sebastião de Moraes, também nada traz sobre

---

via, discípulo de San Juan de Ávila. Esta tradução foi novamente publicada na mesma cidade em 1618, tendo sido traduzida para italiano em 1593: *Annotazioni intorno alla vita, e morte della serenissima D. Maria principessa di Parma, del dottore Diego Perez... tradotte di lingua spagnuola dal cavalier fra Giulio Zanchini da Castiglionchio... alla signora Olímpia Aldobrandini*. In Firenze, per Filippo Giunti, 1593, notícia que recolhemos in *Donna, Disciplina, Creanza Cristiana...*, ed. cit., 633 (II, *Testi a Stampa = Repertorio*, nº 1995).

<sup>34</sup> Mario SCADUTO, *Storia della Compagnia di Gesù in Italia, V (L'Opera di Francesco Borgia, 1565-1572)*. Roma, 1972, 320, remetendo para documentação da província lombarda. informa que, depois de 1571, Sebastião de Moraes foi dado como companheiro ao bispo de Montefeltro, com a sequência expressa de o afastar de Parma, o que não o impediu, como se comprova por algumas passagens da *Vita...*, de estar presente nos últimos dias - talvez, meses - da princesa. E sempre terá sido *o seu* confessor...

<sup>35</sup> Sebastião de MORAIS, *Carta de Parma pera hum Padre de Sam Roque a 12 de Agosto de 1566 in Memorial de Varias Cartas e Cousas de Edificação dos da Companhia de Jesus*, Porto, 1942, 60-69. Infelizmente ainda não foram localizadas as cartas que o mesmo jesuíta escreveu para Lisboa - e ao parecer para o mesmo destinatário - sobre a viagem de Lisboa a Bruxelas a que alude em diferentes momentos desta carta.

<sup>36</sup> Sebastião de MORAIS, *Vita...*, ed. cit., 8v, alude, ele próprio, a outros confessores da princesa, a menos que quiséssemos ver nesse plural uma fórmula de humildade sob a qual se esconde o jesuíta português. Obviamente, não parece que esta hipótese seja de considerar, pois, pelo menos, durante as ausências de Sebastião de Moraes em Roma - por duas vezes, também pelo menos, em datas que não podemos, com rigor, precisar - alguém o substituiu, e depois da sua partida como companheiro do bispo de Montefeltro, teve mesmo de ter um sucessor. O P. Tommaso Ragio, S. J., que, depois

a direcção espiritual de Santo André Avellino ou à correspondência que director e dirigida trocaram. Porque nada sabemos sobre as relações entre os jesuítas do «pequeno colégio» de S. Roque de Parma - assim o classifica Sebastião de Morais à sua chegada à cidade<sup>37</sup>, encantado por verificar que tem a mesma invocação que o de Lisboa<sup>38</sup> - e os teatinos que, em 1571, sob a orientação e governo de André Avellino, começavam, à sombra da protecção do cardeal Paolo Arezzo, também ele teatino e amigo do santo napolitano, a fundar casa em Piacenza<sup>39</sup>, registemos esses silêncios dos dois jesuítas, sem querer explicá-los imediata e facilmente pela riva-

---

da saída do jesuíta português, parece veio a ler o ofício de confessor da corte ducal? Ou o P. Pietro Angelo Consoli de quem D. Maria se lembra, juntamente com Sebastião de Morais, «particularmente» no seu testamento? (*Testamento*, ed. cit., 352). Pietro Angelo era um dos confessores do colégio da Companhia em Parma e, apesar do reitor, Giovanni Battista Perurchi, informar, em 1566, a propósito da falta de confessores, o Geral de que o P. Pietro Angelo «non ha scientia», era o confessor de Ottavio Farnese, segundo Mario SCADUTO, *Storia della Compagnia di Gesù in Italia, V (L'Opera di Francesco Borgia, 1565-1572)*, ed. cit., 317, 319.; mais tarde, o mesmo padre intervirá, alguma vez, junto de Ranuccio Farnese, a propósito do caso de Soror Maura Lucenia, isto é, de Margarida Farnese, a filha de Maria de Portugal, que a política ducal e cumplicidades de vária ordem e a vários níveis sociais, obrigaram, como se sabe, a professar (A. BARILLI, *Studi Fantesiani*, Parma, 1958, 56). Permitimo-nos remeter para as páginas que dedicamos nestas mesmas *Actas* a este confessor da princesa.

<sup>37</sup> Sebastião de MORAIS, *Carta a hum padre de Sam Roque...*, ed. cit., 69. Sobre o colégio de Parma, Mário SCADUTO, *Storia della Compagnia di Gesù in Italia. V (L'Opera di Francesco Borgia, 1565-1572)*, ed- cit., 316-320.

<sup>38</sup> No seu *Testamento*, ed. cit., 352, deixou D. Maria «os panos de tapeçaria de Cesare para se ornar a igreja», recomendando vivamente não só «aqueles padres a que tenho tanta obrigação e como pessoas que fazem tanto fruto nesta Cidade», mas também «particularmente» os padres Sebastião de Morais e Pietro Angelo, personagem a quem já nos referimos em nota anterior. Sobre a presença da Companhia em Parma são de ter em consideração as páginas de Mário SCADUTO na obra acima referida e ainda as ponderações de Adriano PROSPERI, *Dell'Investitura Papale alla Santificazione del Potere. Appunti per una ricerca sui primi Farnese e le istituzioni ecclesiastiche a Parma in Le Corte Farnesiane di Parma e Piacenza - 1545-1622*, (a cura di Marzio A. Romani), I, Roma, 1978, 161-189, (179, 183-184, *et passim*), sobre os «prólogos» e desenvolvimento da acção da Companhia em Parma; conf. ainda, S. ANDRETTA, *La Venerabile Snperbia. Ortodossia e trasgressione nella Vita di Suor Francesca Farnese (1593-1651)*, Torino, 1994, 55

<sup>39</sup> Angel Thomas FERNANDEZ MORENO, C. R., *Vida, Virtudes, Y Milagros del grande Abogado del Cielo San Andres Avelino...*, ed. cit., I, 14, 73, embora o autor não

lidade conhecida entre os dois jovens institutos religiosos<sup>40</sup>. Não esqueçamos que André Avellino sempre dirá que à Companhia de Jesus devia a sua vocação<sup>41</sup>... Compreendemos que nunca se cansará de ponderar à princesa a «tanto bona guida» «dei suo prudente padre»<sup>42</sup>.

Se, abandonando o ponto de vista das biografias da princesa de Parma, escritas por estes anos, por autores da Companhia de Jesus, passarmos ao ponto de vista dos primeiros biógrafos teatinos de Santo André Avellino (G. B. Castaldo..., F. Bolvito...), verificamos que, no que se refere a alusões a membros de outras ordens religiosas e ao seu papel junto de Maria de Portugal, a situação é quase idêntica: valorizam-se os contactos do teatino napolitano com os Farnese..., aludem-se as cartas do santo à princesa e apontam-se algumas «provas» dessa correspondência..., sem, contudo, insistir em qualquer «direcção espiritual»..., na presença de capuchinhos e jesuítas junto da princesa, e, muito menos, em qualquer biografia devida ao seu confessor, Sebastião de Morais...

Como quer que seja, parece ter sido o século XVIII a ter valorizado, por inspiração dos Clérigos Regulares, o papel de director espiritual de Santo André Avellino junto de Maria de Portugal, uma valorização que, talvez, possa ser mesmo uma sob revalorização. Com efeito, poderá ter-se entendido o seu papel de director de acordo com a pauta que regeu essa figura, con-

---

deixe de aludir ao favor que os teatinos receberam de Ottavio Farnese; também Andrea Avellino o reconhece, ao referir-se à gratidão que a sua ordem devia à «Eccellentia del Signor Duca, per la cui gratia, e favore siamo in questa sua città...», *Lettere...*, I, 66, 159, a Maria de Portugal, Piacenza, 1.8.1572. Como demonstração do seu agradecimento, os teatinos, em caria assinada pelo seu Prepósito Geral em 27.9.1577, declararam Ottavio Farnese participante de todas as graças obtidas pelas missas, jejuns, salmos, disciplinas que a congregação celebrasse ou fizesse (A. S. P., *Carteggio Farnesiano Interno*, B. 87).

<sup>40</sup> Jean-Michel SALLMANN, *Napies et ses Saints à l'Age Baroque (1540-750)*, Paris, 1994, 143.

<sup>41</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 62, 151, a Maria de Portugal, Piacenza, 15.6.1571: «i Padri Giesuini (per cui dottrina, e vila io hò lasciato il Mondo)...». Recorde-se que foi depois de ter feito, em 1548, os «Exercícios Espirituais» sob a direcção de Diego Laínez que André Avellino decidiu a sua entrada nos Clérigos Regulares, como recordam G. de LUCCA in *Dictionnaire de Spiritualité*, I, Paris 1937, 551-554 e F. ANDREU in *Dizionario Biografico degli Italiani*, III, Roma, 1961, 69-72.

<sup>42</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 65, 158, a Maria de Portugal, Piacenza, 9.7.1571.

ferindo-lhe uma certa estabilidade de relacionamento, ao longo de Seiscentos, mas com acentos especiais depois dos meados desse século que já foi dito «le siècle d'or de la direction spirituelle»<sup>43</sup> .... Teresa de Jesus teve, como é bem sabido, muitos directores espirituais - Baltasar Alvares..., Domingo Bañez..., Pedro de Alcântara..., entre outros -, pois todos aqueles a quem a santa de Ávila recorreu para orientar e confirmar o seu caminho espiritual passaram a ser vistos como seus directores... Com alguma razão, evidentemente, ainda que esquecendo os outros directores que a quiseram afastar do itinerário que ela própria se ia traçando... No caso da princesa de Parma haverá, portanto, que evitar ver, um tanto anacronicamente, o papel de André Avellino à luz que configurou essa relevante figura do mundo da história da espiritualidade no século XVII. A questão, no entanto, será sempre a de tentar saber qual o sentido do aconselhamento espiritual que pode ter desempenhado Santo André Avellino junto da princesa de Parma.

II - A melhor - e talvez a única - resposta encontra-se nas cartas que o santo lhe escreveu.

Nas que dele nos restam - não se conservam, que saibamos, cartas da princesa ao santo<sup>44</sup> - e, indirectamente, nas que escreveu a outros membros da família ducal parmense, especialmente a Ranuccio Farnese, filho de Maria, que, enfermiço e muito inteligente, se viria a revelar um soberano rancoroso, dominado pela «mania della persecuzione e dal sospetto» e vivendo «circondato da esorcisti e da alchimisti»<sup>45</sup>. Um conjunto de meia

---

<sup>43</sup> Charles Berthelot du Chesnay, *Direction Spirituelle: Du 17.e siècle à nos jours* in *Dictionnaire de Spiritualité*, III, 1957, 119-1142

<sup>44</sup> Em quase toda a correspondência conhecida de André Avellino com a princesa de Parma há marcas das cartas que esta escreveu ou mandou escrever, sem, contudo, ser possível datá-las. Sabemos, porém, que escreveu ao santo em 26.5. e em 25.7. de 1571, e em 1.4.1572, pois André Avellino responde ou refere-se a essas cartas. Conf. *Lettere*... I, 65, 156 e I, 66, 158, I, 90, 198, respectivamente.

<sup>45</sup> Stefano ANDRETTA, *La Venerabile Superbia. Ortodossia e Trasgressione nella Vita di Suor Francesca Farnese...*, ed. cit., 55. A. BARILLI, *Ranuccio I Farnese, abbin-dolato da uno Alchimista* in *Studi Farnesiani*, ed. cit., 125, 146-151; o mesmo autor in *Streghe e Stregonerie e un Processo al tempo di Ranuccio I* in *Storie Grandi e Piccine e Ricordi del Mondo Parmense*, Parma, 1956, 9-26 chama a atenção (pág.16) para a epilepsia do príncipe; recentemente, Marzio dall'ACQUA - Maria Elena MONDELLI, *La Spia di Corte. Da un Carteggio inedito un intrigo nella Parma Farnesiana*, Parma 1995, fizeram, nos primeiros capítulos da obra uma feliz síntese da personalidade de Ranuccio.

centena de cartas, das quais apenas uma é dirigida ao duque Ottavio<sup>46</sup>, quarenta e duas a Ranuccio e sete a Maria de Portugal<sup>47</sup>, conjunto escrito entre 15.6.1571 e 16.5.1608, isto é, desde o ano em que, deixando de Milão, chega a Piacenza - uma estadia que, por «reformadora», nem sempre foi pacífica<sup>48</sup> - até poucos meses antes da sua morte (10.11.1608)<sup>49</sup>. Curiosa, mas estranhamente, não parece que restem - ou, pelo menos, nessa compilação da correspondência do santo não se guardam - cartas do santo a Margarida e Eduardo, os outros filhos de Maria e Alexandre. Não lhes

---

<sup>46</sup> Em apêndice (T) publicamos uma carta de 3.11.1575 do santo ao duque, missiva que, tanto quanto podemos controlar, ainda se encontra inédita, e embora de um interesse discreto, é reveladora tanto de um quotidiano como do tom dessas relações.

<sup>47</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, : a Ottavio Farnese - I, 89; a Ranuccio I Farnese-I, 315, 321, 335, 343 ; II, 6, 13, 22, 31,42, 50, 55, 76, 87,92, 95, 99, 102, 105, 107, 114, 117, 118, 125, 130, 136, 139, 142, 151, 154, 166, 171, 187, 215, 279, 340, 346, 348, 434, 487, 516, 527, 642 (esta é também a carta que encerra os dois grossos volumes da correspondência editada em 1731); a Maria de Portugal - I, 62, 65, 66, 72, 77, 87, 90.

<sup>48</sup> Alguns ecos de uma certa polémica à volta da «reforma» de vida em Piacenza que se propuseram os teatinos sob a égide do santo napolitano podem perceber-se ainda nas alusões que faz Angel Thomas FERNANDEZ MORENO, *Vida, Virtudes, y Mila-gros dei Grande Abogado dei Cielo San Andres Avelino...*, ed. cit, T, 14, 74 e 77-78, respectivamente, para o que diz respeito aos principais campos em que se estendeu a acção reformadora do teatino e sobre as polémicas e queixas que desencadearam.

<sup>49</sup> A correspondência do santo napolitano recolhida nessa edição de 1731-1732 é, como bem se sabe, na sua larguíssima maioria, dirigida a gente da grande nobreza italiana - mormente grandes damas - e, por vezes, pode hoje ter-se mesmo a sensação de estar a folhear um *Ghotta* desses dias. Nela constam os nomes dos Gambacorta..., Papacoda... Papacoda Mendoza..., Adorno..., Caraffa..., Somma..., delli Falconi..., Este..., Visconti... d'Oria..., d'Allessandro...; as princesas de Stigiano..., Castellovetrano..., Avellino..., Solmona..., Santobuono..., Squilacce...; as duquesas de Nocera..., Analfi..., Bujano..., Atripalda [La Tripalda]..., Aerola..., Madaloni..., Mondragone..., Terranova..., delia Castelluccia...; marquesas de Casa d'Albero..., Lauro..., Montefalcione..., Caravagio..., Monteforte..., Santo Marco..., della Torre..., Murcone...; condessas de Torella..., S. Valentini..., Sanseverino..., Serino..., Altavilla... Montemiletto..., Rocca Rainola...; baronesa de Carisi... É, porém, dever fazer notar que, algumas vezes, o santo se dirige também a grandes senhores. O próprio P. Avellino deve ter sentido a selectividade (e uma certa exclusividade...) da maior parte dos seus correspondentes quando o vemos escrever, justificando um seu silêncio: «...la causa dunque perchè non l'hò scritto, è che non vorrei essere tenuto ambizioso collo scrivere spesso alle gran Signore...» in *Lettere*, I, 69, 165, à duquesa de Nocera, Piacenza, 7.9.1571.

terá escrito? Terá esquecido Margarida durante as vicissitudes dramáticas do seu casamento, aos treze anos (1581), repúdio e entrada nas clarissas (1583)? Ou, como tantos outros, ter-se-á imposto silêncio sobre um assunto em que, na corte parmense, ninguém queria falar ou ouvir falar? E terá olvidado esse mecenas que foi Eduardo († 1626), cardeal desde 1591<sup>50</sup>? E o ter privilegiado Ranuccio dever-se-á, mais do que à sua situação de herdeiro da casa ducal, ao facto de o santo querer cumprir a promessa que diz ter feito a D. Maria de cuidar de uma forma especial do seu filho mais querido?<sup>51</sup> As duas razões devem completar-se, sem esquecer que o santo, tal como os filhos de Santo Inácio, apostava fortemente no exemplo dos grandes deste mundo para «converter» os súbditos<sup>52</sup>. Nessa sua correspondência com os príncipes Farnese, o Padre Avellino, seguramente numa sequência da experiência de S. Caetano de Tienne, não se cansará de apelar para este princípio<sup>53</sup>. De todos os modos, porém, será sempre estranho que a vastíssima selecção da sua correspondência não permita recolher sequer referências a essa futura monja<sup>54</sup> e a esse futuro cardeal. Mas, estra-

---

<sup>50</sup> Francesco BAROCCELLI, *Il Mecenasismo dei Primi Farnese. Alcune Questioni* in *Convegno Farnesiano di Parma*, Parma, 1988, 79-104, evoca «la prodigiosa raccolta d'arte Odoardo, frutto del gusto più raffinato del '500...».

<sup>51</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, II, 105, 112, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 15.9.1592: «ma segua le vestigia della sua santa Madre, à quale V. Alt. era il figlio più caro degli altri...»; II, 215, 234 a Ranuccio Farnese, Nápoles, 10.9.1594: «si per essere stato mio figliuolo, e Padrone, si per le sue bone qualità, si anco per essere figlio di quella santa Madre, e che tanto l'amava più degli altri figli...».

<sup>52</sup> Sebastião de MORAIS: «...creo que com Deos dar alguns bons principes e catholicos em Alemanha que toda sera remediada, porque quasi todos estão como forçados e não se entendem...»; «Estão aqui [Espruach] três suas filhas irmãs do Emperador que fazem vida sancta e confessãose as duas cada oito dias e a outra cada mez com os nossos Padres são frequentes em nossa Igreja quizerás em Lisboa pera tirar o medo a gente honrada de frequentar os Sacramentos». *Carta a hum Padre de Sam Roque...*, ed. cit., 64 e 67 respectivamente.

<sup>53</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 89,197, a Ottavio Farnese, Piacenza, s. d.); I, 321. 479-480, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 31.8.1589; II, 114, 120, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 27.11.1592; II, 142, 150, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 23.7.1593; I, 59, 146, a Geronima Colonna, s. d.; I, 22, 57, à duquesa de Nocera, 3.9.1567; I, 94, 207, à duquesa de Atripalda, 5.8.1582 *et passim*, de que transcreveremos, mais adiante, algumas passagens. Adriano PROSPERI. *Dell'Investitura Papale a la Santificazione del Potere...* in *Le Corte Farnesiane...*, I, ed. cit., 184-185 aludiu a esta questão e ao seu significado contextual.

<sup>54</sup> Stefano ANDRETTA, *La Venerabile Superbia. Ortodossia e Trasgressione*

nheza por estranheza, recordemos que também não foram publicadas cartas do santo a Alexandre<sup>55</sup> e a sua mãe Margarida de Áustria... e que nessas cartas farnesianas, de bem poucas referências a Alexandre, não há qualquer alusão à duquesa de Parma...

III - De qualquer maneira, em toda essa meia centena de cartas perpassa a estima e admiração do santo teatino pela princesa de Parma. Uma estima que o fazia ler com sumo gosto as cartas que a princesa lhe dirigia, gosto esse que se desdobrava em uma «vera, e spirituale consolatione» que o levava a lê-las «non una, non due volte solamente, ma tante, e tante volte... per più consolarmi»<sup>56</sup>. E neste sentido é eloquente que em carta não datada, mas que é anterior a 1577, ano da morte de Maria, possa escrever ao duque Ottavio: «Pensi bene S. E. il grande obbligo, ch'ella di continuo si vede havere alla Divina Maestà, dalla quale have sempre ricevuti grandi beneficii, et alla fine ha sortita una figiuola, dico la Signora Principessa, ch'è l'ornamento dell'Italia, e senza forsi dell'Europa...»<sup>57</sup>. E, muitos anos mais tarde, em 1589, em Nápoles, ele que dizia ter conhecido «la sincerità del [...] purissimo cuore»<sup>58</sup> da sua correspondente, podia garantir a Ranuccio, nessa primeira carta que lhe escreveu, que sua mãe

---

*nella Vita di Suor Francesca Farnese...*, ed. cit, 42-43 evoca a «triste storia de monacazione» em que, como já assinalamos, resultou, aos dezasseis anos, a vida de Margarita de Parma (Soror Maura Lucenia, em religião), depois de casada aos treze, com Vincenzo Gonzaga.

<sup>55</sup> Talvez, contudo, possam encontrar-se vestígios de alguma correspondência com Alexandre Farnese na alusão que se faz na *Prefazione al Lettore* da grande edição napolitana (1731) das *Lettere* de Santo André Avellino, pois aí se afirma que «una di esse scritta ad Alessandro Farnese, e da questo pio e prudente principe [foi] inviata ad Elisabetta d'Inghilterra...». Havemos de confessar que não a encontramos publicada nessa vasta recolha nem a ela conhecemos qualquer outra alusão.

<sup>56</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 90, 198, a Maria de Portugal, Piacenza, 22.4.1572.

<sup>57</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 89, 198, a Ottavio Farnese, Piacenza, s. d. . E Sebastião de MORAIS, *Vita ....* ed. cit., 23 r. recorda a estima em que Ottavio tinha a princesa, sua nora: «Lascio di dire quello, che l'Eccellentissimo Signor Duca ne ragionava in publico, et in privato quando che haveva occasione parlare di lei...».

<sup>58</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 90, 199, a Maria de Portugal, Piacenza, 22.4.1572; note-se, porém, que é fórmula que, como outras, repete não só em cartas à princesa, mas também a outras suas correspondentes, como por exemplo, a condessa de San Valentino, *Lettere...*, I, 35, 88, Nápoles, 3.6.1568.

«era molto più santa nel interiore, che non è scritto in quello breve libretto della sua vita, sicome io ne son testimonio, sapendo i segreti del suo purissimo cuore...»<sup>59</sup>. Só este contexto admirativo permitirá aceitar que a insistente alusão comparativa entre a Virgem Maria, «Regina degli Angeli, et avvocata de i peccatori», e Maria<sup>60</sup>, não deverá catalogar-se como um exemplo tardio desses encarecimentos retóricos que invadiam os elogios de príncipes nos versos dos cancioneiros, nos panegíricos de tantos humanistas e, depois, na prosa de tanto sermão barroco<sup>61</sup>... Por isso, lembra-lhe o santo, «il Signor non l'hà fatta gran Signora, per stare in delitie, ma per essere avvocata appresso della sua Divina Maestà per lo suo popolo», donde «sua Altezza imitando colei di cui hà il nome, colle sue orationi voglia provocare Iddio à compassione di tanti peccatori del popolo di Parma, e di questa Città di Piacenza, ov'è tanto amata, e desiderata»<sup>62</sup>. Daí que este papel providencial pudesse cumprir-se melhor se a princesa estivesse presente em Piacenza e aí fosse o espelho em que «molti gentilihuomini, e gentil donne», procurando imitá-la, se revissem<sup>63</sup>. Se a princesa vivesse nessa cidade, pensa André Avellino, por lá não se ouviria «*che tanto confessare, e comunicare?*»<sup>64</sup>. Não temos - ou, pelo menos, eu não

---

<sup>59</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 315, 474, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 5.7.1589.

<sup>60</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 77, 178, a Maria de Portugal, Piacenza, 25.1.1572. Contudo, haveria ainda a ponderar nestes encarecimentos o peso da profunda devoção mariana que percorre toda a correspondência do santo napolitano como moldura em que se poderá também ler essa admiração.

<sup>61</sup> Sebastião de MORAIS, *Carta a hum Padre de Sam Roque...*, ed. cit. 68: «Logo começarão acorrer os Embaxadores de Parma e Placencia fazião suas oraçãos artificiozas, o de Placencia veio com huma bella invensão disse que não sabia que dizer senão o que o Anjo dicera a Nossa Senhora Ave Maria gratia plena e disse tanto sobre o gratia plena quanto não dizem os Sermonarios todos juntos»...

<sup>62</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 77, 179, a Maria de Portugal, Piacenza, 7.3.1572.

<sup>63</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 77, 179, a Maria de Portugal, Piacenza, 7.3.1572.

<sup>64</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 77, 179, a Maria de Portugal, Piacenza, 7.3.1572. O mesmo desejo manifesta Sebastião de Moraes diante do exemplo das irmãs do imperador que vivem em Espruach: «Estão aqui três suas filhas irmãs do Emperador que fazem vida santa e confessãose as duas cada oito dias e a outra cada mes com os nossos Padres são frequentes em a nossa Igreja quizerás em Lisboa pera tirar o medo a gente honrrada de frequentar os Sacramentos...», in *Carta a hum Padre de*

conheço - manifestações directas da estima que a princesa sentia pelo taururgo napolitano, mas poderemos reconhecer que as constantes referências do santo ao gosto que Maria de Portugal lhe confessava sentir em receber as suas cartas, a ponto de lhe ordenar - assim, pelo menos, o interpretava o santo... - que lhe escrevesse «frequentemente»<sup>65</sup> - duas vezes por mês é a periodicidade que, não sabemos se intencionalmente diante de alguns silêncios do príncipe, refere, algumas vezes, a Ranuccio<sup>66</sup> - devem poder ler-se nesse sentido. Para algo há-de valer a palavra de um santo, mesmo quando o vemos repelir a diferentes personagens os mesmos protestos de estima e admiração - quando não quase garantir a salvação<sup>67</sup> - com as mesmas fórmulas ou os mesmos processos retóricos<sup>68</sup> ... De qual-

---

*Sam Roque...*, ed. cit., 67. E na *Vita...*, ed. cil., 13v. salienta-se que «coll'esempio suo, hà incaminato gran parte delle sue Donne à confessarsi, e comunicarsi spesso, con riverentia, e devotione, e non solo le sue di cone, a gran parte di quelle della Città, et similmente molti huomini, i quali essendo da lei adoperati nell'opere pie, si sono con l'esempio suo dati alla vilita spirituale, et frequentano i santissimi sacramenti». (Conf. ainda *Vita...*, ed. cit., 14v).

<sup>65</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 65, 157, a Maria de Portugal, Piacenza, 9.7.1571: «Io non havrei havuto ardire di più scriverle, s'ella per la sua non m'havesse imposto, ch'io debbia perseverare in darle spesso degli avvertimenti...»; T, 66, 160, a Maria de Portugal, Piacenza, 1.8.1571: «...m'invita a scriverle spesso...»; I, 90, 198, a Maria de Portugal, Piacenza, 22.4.1572: «...pregandomi tante volte ch'io li scriva spesso...».

<sup>66</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 321, 480, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 31.8.1589: «V. Alt. mi scrive, e prega istantemente, ch'io le scriva almeno una volta il mese...»; II, 6, 6, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 23.11.1590: «Veramente V. Alt. si dimostra, essere legitimo figliuolo della sua Signora Madre, quale tanto gostava i ragionamenti spirituali, e però voleva, ch'io le scrivesse due volte il mese...»; II, 114, 120, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 27.11.1592: «...e quando io tardava à scriverle, si doleva, sollecitandomi che spesso io le scrivessi; Talche m'impose, ch'almeno due volte il mese le scrivessi...».

<sup>67</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 315, 473, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 5.7.1589: «Ma con quali parole potrò mai esprimere la consolatione, c'ho sentita, quando leggendo la sua lettera, hò presa gran speranza, ch'Iddio habita nel suo cuore, poich'ella ama i servi della sua Divina Maestà, ilche San Chrisostomo tiene per uno dei segni de i predestinati...»; II, 142, 149, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 23.7.1593: «Ilche mi conferma nella speranza, ch'ella sia nel numero de i cari figliuoli et eletti di Dio...».

<sup>68</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 90, 198, a Maria de Portugal, Piacenza, 22.4.1572: «...quanta vera, e spirituale consolatione m'habbia recata, non potrei su questa esprimerlo, e pero non una, ni due volte solamente, ma tante, e tante volte l'ho

quer modo, acabaria por estar meses sem escrever à princesa, como declaradamente reconhece<sup>69</sup> ...

IV - As sete cartas que se conservam das que André Avellino dirigiu a Maria de Portugal não são as primeiras nem as únicas que lhe dirigiu. Efectivamente, embora não haja nessa correspondência alusões a cartas perdidas ou não respondidas, como na que manteve com Ranuccio, logo no começo da primeira dessas cartas, o Padre Avellino lembra à princesa que «Da Frà Petronio Cappuccino in nome di sua Altezza m'è stato scritto, qualmente la mia lettera le sia stata grata, e che le farrei piacere in scriverle qualche volta...»<sup>70</sup>, o que pode sugerir - quase diríamos, garantir - que a iniciativa da correspondência teria partido do teatino napolitano... Não era, aliás, a primeira vez que o santo tomava a iniciativa de escrever a uma grande dama, como, por exemplo, a duquesa de Nocera, a quem nunca tinha encontrado<sup>71</sup>... É depois dessa carta - o que sugere uma reiteração na vontade de estabelecer correspondência -, que Maria, através do capuchinho Fr. Petronio, faz saber ao santo que gostaria que este lhe escrevesse «qualche volta, e specialmente in questi giorni». Por outro lado, as desculpas que o teatino apresenta para a ousadia de lhe escrever, mesmo tendo para isso sido rogado, podem levar a suspeitar que a sua primeira carta à princesa que hoje podemos ler, poderá não ter sido a primeira... Com efeito, a afirmação da «inutilidade» e da ousadia de escrever a alguém que tem como conselheiros espirituais os padres capuchinhos e

---

riletta per più consolarmi...»; 1, 98, 214, a Crisostoma Carrafa, duquesa de Atripalda, Nápoles, 7.10.1582: «La sua gratissima del 23. del passato hò più volte letta, e non accada, che tanto mi ringratii della carità uso com lei in consolarlia colle mie lettere, e poiche V.S. 111. mi scrive, che quanto le mie lettere sono più lunghe, tanto le sono più care, non mancherò di sodisfarle quanto potrò...»; I, 315, 473, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 5.7.1589: «Con gratissimo contento hò letta più, e più volte la sua gratissima delli 7. del passato...»; I, 321, 479, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 31.8.1589: «La sua gratissima del primo del presente, no una, ò due, ma più volle io l'hò letta con mio gran contento, per molte ragione...».

<sup>69</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 77. 178, a Maria de Portugal, Piacenza, 25.1.1572: «Sono molti mesi c'hò tenuto silentio colla penna, ma non col cuore...».

<sup>70</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 62, a Maria de Portugal, Piacenza, 15.6.1571.

<sup>71</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 22, 57, à duquesa de Nocera, Nápoles, 3.9.1567: «Quando mai V. S. I. è stata da me vista? quando mai con lei hò ragionato? ma l'eterno Padre, quale (secondo io spero) ab eterno l'have eletta per sua cara figliuola, e vera herede del Celeste Regno...».

os padres jesuítas, são a expressão de uma retórica que se concebe e se espera como forma de introduzir, de início, uma correspondência... Se isto for verdade, então, a anterior - essa «mia lettera» que a princesa agradeceu - foi de iniciativa do Padre Avellino... E, neste caso, a primeira carta das que hoje conhecemos seria a primeira que, a pedido de Maria de Portugal por intermédio do Padre Petronio, lhe dirigiu e não a resposta a qualquer missiva da mesma princesa, embora esta lhe tivesse escrito já em Maio desse ano (26.5). E, no entanto, por outro lado ainda, de uma carta de André Avellino à condessa Giulia Sanseverino, das mesmas datas (Piacenza, 22.9.1571), poderia deduzir-se, sem mais, que teria sido Maria de Portugal quem tomou a iniciativa de pedir ao teatino napolitano que lhe escrevesse<sup>72</sup>... E, como acabamos de ver, nesse momento, isto é, nesse Junho de 1571, até já era verdade...

De todas as maneiras, essas sete cartas foram escritas entre esse já alu-

---

<sup>72</sup> Andrea AVELLINQ, *Lettere...*, I, 67, 160, à condessa Giulia Sanseverino, Piacenza, 22.9.1571: «E tanto più spesso questo paterno ufficio farò volentiere, quanto ella mi farà intendere che le sia grato. Imperoche più spesso farei con lei questo ufficio (come fò colla Serenissima principessa di Parma, per haverme pregato), ma dubitando...». À mesma dama que, como declara, conheceu em Milão onde, desde Abril de 1570, fora vicário da Casa teatina de Santa Maria, dirigiu Andrea Avellino algumas cartas, três das quais foram recolhidas na edição de 1731 da sua correspondência: I, 63, Piacenza, 17.6.1571; I, 67, Piacenza, 27.8.1571; I, 86, Piacenza, 7.3.1572. Aproveitemos para recordar a amizade entre Giulia Sanseverino e a princesa de Parma, documentada não só por referência expressa do santo napolitano em carta que já citámos (I, 86, 193, à condessa Giulia Sanseverino, 7.3.1572. Conf. nota n° 30), mas também pelos elogios que Maria de Portugal fêz da condessa a Andrea Avellino: «...quello che di lei la Serenissima Principessa mi disse, che tali erano i buoni costumi, e le naturali qualità di V. S. I. che ciascuna persona che l'havesse conosciuto, era costretta con sincero, e cordiali amore sempre amarla, honorarla, e riverirla» (*Lettere...*, I, 63, 153, à condessa Giulia Sanseverino, Piacenza, 17.6.1571). Giulia Sanseverino, «adornata di bella dispositione di corpo, e d'una honoranda venustà di faccia» - são palavras do santo nessa carta de 17.6.1571 -, foi casada com o conde milanês Giambattista Borromeo, um parente de S. Carlos Borromeo, mas nem o empenho dos dois santos foi capaz de impedir que o conde, desesperadamente ciumento, acabasse por assassinar a sua mulher em Março de 1577 (Conf. F. ANDREU, *Dizionario Biografico degli Italiani*, III, Roma, 1961, 70). Curiosamente, Andrea Avellino que, nessa mesma carta de 17.6.1571, o retrata como um «si bello, e nobile Cavaliero», um pouco mais tarde, em 27.8.1571, declara ter «il suo Signor Consorte per un huomo di giuditio...», *Lettere...*, I, 67, 162. Estranhamente, se não erramos, nem uma palavra na correspondência de Andrea Avellino sobre o assunto..., um silêncio que certamente, gostaríamos de atribuir aos colecionadores e organizadores das suas cartas.

dido 15.6.1571 e 22.4.1572, anos em que situa um período álgido da vida da princesa, esse período preocupante que traduz aquele «questi giorni», expressão que deve ter passado da carta do Padre Petronio para a carta do santo... E ao mandar dizer que receberia gosto em que o Padre Avellino lhe escrevesse algumas vezes em «questi giorni», a princesa, no fundo, talvez estivesse a recorrer a alguém cuja fama de taumaturgo e profeta já teria precedido a sua chegada aos domínios farnesianos. E, na verdade, com excepção de uma datada de 9.7.1571, todas as outras seis cartas são motivadas pela angústia de Maria diante da decisão de Alexandre, o seu marido, se envolver decididamente na campanha militar que culminou em Lepanto<sup>73</sup> e depois, no ano seguinte, em Navarin, aqui, como é bem sabido, com não menos glória, embora com menos brilho, devido a circunstâncias do comando militar de D. Juan de Áustria e de condições atmosféricas desfavoráveis<sup>74</sup>. Desde 1570, o príncipe de Parma vinha, em vão, fazendo, directamente ou por meio de sua mãe, todos os esforços junto de Filipe II para que lhe fosse permitido participar na guerra contra os mouriscos em Espanha ou contra os «rebeldes» na Flandres<sup>75</sup>. São as consequências des-

---

<sup>73</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 62, 151, a Maria de Portugal, Piacenza, 15.e.1571: «...e specialmente in questi giorni che ella sta alquanto afflitta per la futura partenza dell'Eccellentia del Sign. Principe...»; I, 72, 170, a Maria de Portugal, Piacenza, 7.10.1571: «Non cerchi solamente la gloria d'Iddio, e la consolatione di quella bona Signora, quale sta afflitta per l'assentia del suo caro Signor Consorte?». Terá, talvez, algum interesse recordar que a princesa de Parma não foi a única mulher «aflita» pela ausência e a sorte do marido nessa campanha militar que recorreu ao santo napolitano. Com efeito, a Crisóstoma Carrafa, em carta que bem poderia ser dirigida a Maria de Portugal, escreve em Setembro de 1571: «Havea pensato di non scrivere finche V. S. I. non m'havesse scritto, giudicando che bastasse la lettera scritta alla Signora Lucretia sua amorevolissima Madre, e mia figliuola, qual'è tormentata da doppio martirio, affliggendosi dell'assentia del suo hunigenito figliuolo, e crucciandosi del cordoglio di V. S. I. che sostiene dalla partitta del suo Signor Consorte. E però vendola tanto afflitta, e degna di compassione, mi pare convenevole di prima scrivere à sua Signoria...[...] E se ben l'honesto, e casto amore del suo Consorte, le fà molto sentire la sua assentia, per lo gran timore de i futuri pericoli; deve nondimeno servirsi del suo accorto, e savio giuditio, e dire trà se: Chrisostoma, questa penosa ansietà à chi giova? [...] Ne manco fai piacere al tuo diletissimo Consorte, quale desidera la tua quiete, e al suo ritorno ritrovarte sana, e bella, e non consumata dal dispiacere...», *Lettere*, ed. cit., I, 71, 167-168, a Crisóstoma Carrafa, Piacenza, 22.9.1571.

<sup>74</sup> Léon VAN DER ESSEN, *Alexandre Farnese, Prince de Parme, Gouverneur-Général des Pays-Bas (1545-1592)*, Bruxelles, 1933, 174. 176.

<sup>75</sup> Léon VAN DER ESSEN, *Alexandre Farnese, Prince de Parme...*, ed. cit., 156-158.

sas campanhas militares - a ausência do marido e os perigos físicos e morais que corria, mas também os regressos de Alexandre a casa, regressos com glória pela vitória ou com fúria pela inação de seu tio e chefe D. Juan de Áustria - que, considerando-as no seu significado no progresso espiritual e na função providencial da princesa em relação ao seu marido e à sociedade de Parma e Piacenza, comenta Santo André Avellino. Alexandre é, deste modo, a ineludível presença dessas que bem poderemos dizer «cartas familiares», (ai como terá sido ele a angustiante questão das cartas da princesa Maria que deu azo a esses comentários de resposta.

Com efeito, quando, depois de um certa demora e dúvida na autorização de Filipe II que se arrastava desde Fevereiro, Alexandre, em 5.6.1571<sup>76</sup>, se apresta ajuntar-se às forças de D. Juan de Áustria, Maria, com a primeira carta que conhecemos das que lhe escrevera o santo napolitano, logo em 15 desse mesmo mês, não só recebe de André Avellino a garantia de que «il sentire dispiacere delle cose care, non è peccato», mas também de que essa «honorable impresa» deve ser encarada como um momento providencial na vida do príncipe. Na verdade, explica o padre teatino, apesar de ser «vero figliuolo della santa Madre Chiesa, e Cavalier di Christo», «il suo Signor Consorte», porque «giovane, bello, prosperoso, difficilmente può passare questa corrotibil vita senza offension di Dio»<sup>77</sup>, pelo que essa ida à guerra tem de ser vista e aceite como um meio de purificação do príncipe...: «E però è bene - concludi André Avellino - che per amore d'Iddio vada à patir qualche disaggio, acciò purghi i peccati comessi, e faccia qualche bene. Imperoche ritrovandosi nelli pericoli bisogna che ricorra à Dio, e si dolgia delle sue passate colpe, e impari coll'esperienza, che non è altro bene, che amare, e servire à Dio...»<sup>78</sup>. Não interessa acentuar aqui as ressonâncias cruzadísticas que podem atravessar as palavras consolatórias do Padre Avellino, mas, sim, fazer notar que no próprio dia - 1.8.1571 - em que, com Alexandre já a bordo, a armada de D. Juan de Áustria larga de Génova em direcção a Nápoles, diante da dor que manifestava a princesa, escreve André Avellino: «Piaccia al Signor dare à queste semplici, e mute parole, tanto fuoco del suo divino spirito, che

---

<sup>76</sup> Leon VAN DER ESSEN, *Alexandre Farnese, Prince de Parme...*, ed. cit, 159.

<sup>77</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 62, 152, a Maria de Portugal, Piacenza, 15.6.1571.

<sup>78</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 62, 152, a Maria de Portugal, Piacenza, 15.6.1571.

non manco di quelle, che colla viva voce sono proferite, l'habbiano da apportare nuovo gusto spirituale, col quale possa ricreare il suo piissimo cuore affanato dall'assentia del suo Signor prencipe. E tanto sia la suavità, che senta dell'amore divino, che vinca il dolore, e l'affano, che sente dall'amor, che porta al suo Signor Consorte...»<sup>79</sup>. A princesa, «oltre l'afflittione dell'assentia del suo Signor Consorte, è ancora tribolata da febre, e da altre infirmità»<sup>80</sup> e, tendo-o sabido, o santo, curiosamente, no mesmo dia em que as duas armadas se encontram em Lepanto - 7.10.1571<sup>81</sup> -, comenta: «Se dunque sua Altezza è tribolata, et afflitta nel animo per l'assenza, e timore de i futuri pericoli del suo diletto sposo, e nel corpo è molestata dalla febre, e altre infermità, s'hà patientia, e benedice il Signore, è segno, ch'è cara al Celeste Padre»<sup>82</sup>... E não deixa de ser interessante saber que André Avellino encerra essa mesma carta com a essa esperança que consola: «Spero, che [o Senhor Príncipe] ritornerà con salute, con vittoria, e con trionfo». E como reage o santo - e procura fazer reagir a princesa - às vitórias de Alexandre? «Figliuola in Christo dilettis-

---

<sup>79</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 66, 159, a Maria de Portugal, Piacenza, 9.7.1571. Deste seu estado de ânimo é outro bom testemunho a carta da princesa a seu irmão, o «Senhor» D. Duarte, datável, com alguma probabilidade, de 10.8.1571 (o dia e o mês pertencem ao original, apenas não existindo ou não sendo então legível o ano, que também poderia ser 1572), publicada por A. Caetano de SOUSA, *Provas da Historia Genealogica da Casa Real...*, ed. cit., 333-334. Escrita à pressa, nela a princesa dá conta da sua funda preocupação não só pelos «tamanhos perigos» que Alexandre ia correr, mas também æ e hã que sublinha-lo, porque, ao parecer, não costuma acentuar-se -, pela «pouca autoridade» de que se via revestido o príncipe. E mais: desde o ponto de vista da princesa - e, segundo refere, da própria família aí tudo se deveria a D. João de Áustria que «andoulhe tanto com a cabeça a roda, que lhe fes fazer isso...». Curiosamente, nesta carta, mais do que a sua aflição, Maria deixa transparecer, antes de mais, a sua irritação («do que estou com pouca paciência»).

<sup>80</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 72, a Maria de Portugal, Piacenza, 7.10.1571. Sebastião de MORAIS, *Vita...*, ed. cit., 16v.-17r. refere, infelizmente sem data, a «oppressione di cuore» que afligiu, algumas vezes, a princesa, que em uma dessas ocasiões «disse parole di non potere più vivere»... e em outra, em que a «oppressione di cuore» era «assai maggiore, e era tale, che io non mi ricordo haver mai havuto causa d'havere tale compassione, come hebbi di lei...». Poderá a caria do Padre Avellino ajudar a datar as referências do confessor?

<sup>81</sup> Léon VAN DER ESSEN, *Alexandre Farnese, Prince de Parme...* ed. cit., 167.

<sup>82</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 72, 171, a Maria de Portugal, Piacenza, 7.10.1571.

sima - confessa o santo em 25.1.1572 -, hò sentito gran piacere della sua consolatione ricevuta dal felice ritorno del suo Signor Consorte con tanto trionfo, e gloriosa vittoria, ma sicome colle sue lagrime, et orationi hà impetrato la liberatione da tanti nemici, e pericoli vesibili, voglia ancora impetrargli la liberatione da i nemici invisibili, da quali tutti siamo offesi...»<sup>83</sup>. De esses inimigos invisíveis, o «mais cruel» é, esclarece o santo na mesma carta, o amor próprio, pois - continua - «da questo traditore nascono tutti i mali, e procedono tutti i peccati»... Os planos da continuação da Liga cristã nos começos de 1572, levam a que, a pedido do próprio príncipe espanhol, Alexandre volte para junto de D. Juan de Áustria. Em 27.2.1572 deixa de novo Parma<sup>84</sup>. Diante da carta de André Avelino de 16.3 podemos entrever a nova perturbação de Maria de Portugal, pois o santo escreve-lhe: «Se ben i giorni à dietro di rado Phò scritto, giudicando che non molto havea bisogno delle mie lettere, havendo la consolatione della presentia del suo amantissimo Signor Consorte. Adesso ch'è privata di questa sensuale consolatione, non mancherò scriverle più spesso...»<sup>85</sup>. Porém, como se sabe, Alexandre, em razão da inatividade da armada, regressou logo em Março a Parma e nesse mesmo mês assistiu às festas que Madama Margarida dava em honra de Juan de Áustria, seu irmão<sup>86</sup>. Talvez possa ser este a moldura em que há que ler as palavras que o santo teatino escreve à princesa em 22.4: «...la sua lettera m'hà consolato, per quella conoscendo quanto sia fedele, e vera sposa del suo Signor Consorte, posciache non solamente mi prega, ch'io preghi il Signore per la salute del corpo, ma ancora che sua Eccellentia drizzi tutt'i suoi pensieri, et operationi à gloria della sua Divina Maestà»<sup>87</sup>. Apesar de tudo, Maria de Portugal deveria estar, como no ano anterior, inconsolável e, como último remédio, o santo, parafraseando as palavras de Santo Ambrósio sobre Agostinho Aurélio (*Imperoche è impossibile che perisca un figliuolo di tante lacrime*) continua nessa mesma carta: «Io non son Santo Ambrosio, ma confidandomi nella Divina Bontà, et alla fede, e lagrime di su

---

<sup>83</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 77, 178, a Maria de Portugal, Piacenza, 25.1.1572.

<sup>84</sup> Léon VAN DER ESSEN, *Alexandre Farnese, Prince de Parme...*, ed cit., 171.

<sup>85</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, ed. cit., I, 87, 193, a Maria de Portugal, Piacenza, 16.3.1572.

<sup>86</sup> Léon VAN DER ESSEN, *Alexandre Farnese, Prince de Parme...*, ed cit., 171.

<sup>87</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 90, 199, a Maria de Portugal, Piacenza, 22.4.1572.

Altezza, le dico, che'l suo Prencipe difficilmente potrà perire, ma spero che'l vedrà ritornare glorioso»<sup>88</sup>. Vindas de quem vinham, estas palavras finais tinham um valor profético... E, por isso, já por prova do espírito de profecia do santo foram apontadas<sup>89</sup>... São estas as últimas referências a Alexandre na última carta que se guarda na correspondência edita de Santo André Avellino. Os progressos e as dificuldades desta saída de Alexandre para campanhas militares que culminaram no cerco e assalto a Navarin, em 1.10.1572<sup>90</sup> não terão merecido novos pedidos de orações por parte de Maria e cartas do santo? Não é de crer<sup>91</sup>.

De qualquer maneira, Alexandre, como já teremos suspeitado por alguma reflexão das que ficaram citadas, se, nesses dias, foi o motivo de angústia de Maria - como, aliás, de tantas outras a quem André Avellino se dirigiu -, também permitiu ao santo transmitir uma série de conselhos espirituais destinados a ajudar a princesa a tentar superar esse estado e a levá-la a aceitar essa provação como uma manifestação do amor de Deus para com ela, isto é, a aproveitar essas circunstâncias difíceis desses anos como meio de progredir espiritualmente. O mesmo fez, como vimos, pela mesma data, para com uma duquesa de Nocera... Assim, compreendemos que o santo napolitano, aceitando embora, como natural, a dor de Maria pela ausência do marido e a sua preocupação pela sua vida - física e moral -, insista, tentando equilibrar a dor e o amor, em que «Attenda dunque, quanto sia possibile, ad amar il Signore, e non si contristi molto dell'asenza del suo Signor Consorte. Imperoche la sua moita tristezza non porta salute al Signor Prencipe, ma si ben gran nocumento apporta al corpo, et

---

<sup>88</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 90, 200, a Maria de Portugal, Piacenza, 22.4.1572.

<sup>89</sup> Giov. Balt. CASTALDO, *Della Vita del Padre Don Andrea Avellino, Chierico Regolare. Breve Relazione...*, ed. cit., X, 63-64.

<sup>90</sup> Léon VAN DER ESSEN, *Alexandre Farnese, Prince de Parme...*, ed. cit., 173-174.

<sup>91</sup> O santo teatino, acabada a «prepositura» de Piacenza, foi nomeado visilador da Lombardia em 1573 (e de novo entre 1577-1579), tendo voltado a Piacenza como Prepósito entre 1574-1577 e novamente em 1581, depois de ocupar o mesmo cargo em Milão entre 1578-1579. Regressou a Nápoles em 1582, de acordo com Angel Thomas FERNANDEZ MORENO, *Vida, Virtudes, y Milagros del grande Abogado del Cielo San Andres Avelino...*, ed. cit., 15, 79, G. de LUCA, *Dictionnaire de Spiritualité...*, ed. cit., 551-554 e, particularmente, com F. ANDREU, *Dizionario Biografico degli Italiani*, III, Roma, 1961, 69-72.

all'anima di sua Altezza. Il che causa di travagliar la mente del suo Signor Consorte»<sup>92</sup>. Se, evidentemente, o momento não é para bailes, prazeres e jogos, também não é para dar largas à melancolia, nem para «[appresentarsi] molti pericoli, e molti disaggi del Signor Prencipe». O que é preciso é procurar «stare colla mente quieta, acciò possa attendere all'oratione per se, e per la salute del anima, e del corpo del suo Signor Prencipe, e questo certo sarà grato al Signore, et utile à lei, et al suo Signor Consorte»<sup>93</sup>.

Teremos, seguramente, percebido que nestes conselhos se perfilam duas orientações - a aceitação das tribulações como manifestação do amor de Deus e a oração -, dois pontos em que André Avellino insistirá, compreensivelmente, nas cartas à princesa. Aceitar a dor, e neste caso a dor por uma ausência «non senza la divina ordinatione»<sup>94</sup>, levar «con pazienza gli affani che'l Celeste, e benegno Padre ci manda in questa misera vita per purgarci di nostri peccati, e farci degni della Celestial heredità, la quale non dona à i suoi diletti figliuoli senza il peso de i flagelli»<sup>95</sup>, ser «animosa à sostenere tutti gli flagelli, e dolori che'l benegno Padre le manda...», são os meios de «recivere la corona della Celeste gloria»<sup>96</sup>. E com uma linguagem em que, apelando para o estoicismo cristão que algum humanismo devoto não desdenhou, poderia gostar de ver-se algum laivo estoicizante, resume o santo teatino: «Ecco figliuola mia cara, come Iddio tratta quelli, ch'ama. Se dunque sua Altezza è tribulata, et afflitta nel animo per l'assenza, e timore de i futuri pericoli del suo diletto sposo, e nel corpo è molestata dalla febre, e altre infirmità, s'hà patientia, e benedice il Signore, è segno, ch'è cara al Celeste Padre [...] Alegresi dunque di tanto singolare favore, ch'Iddio le fà»<sup>97</sup>. E a resposta do santo à delicadíssima ques-

---

<sup>92</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 66, 159-160, a Maria de Portugal, Piacenza, 1.8.1571. Conf. nota n° 73, o final da carta a Crisostoma Carrafa, em que desenvolve a mesma opinião de forma muito próxima.

<sup>93</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 66, 160, a Maria de Portugal, Piacenza, 1.8.1571.

<sup>94</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 62, 152, a Maria de Portugal, Piacenza, 15.6.1571.

<sup>95</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 65, 158, a Maria de Portugal, Piacenza, 9.7.1571.

<sup>96</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 65, 158, a Maria de Portugal, Piacenza, 9.7.1571.

<sup>97</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 72, 171. a Maria de Portugal. Piacenza, 7.10.1571.

tão «perche Iddio flagella quelli, ch'ama?», omitindo «molle altre cause per le quali Iddio flagella i suoi eletti», limita-se, como deveremos ter já imaginado, a enunciar as três razões da «aflição» dos justos: aterrorizar os pecadores, aumentar os méritos dos justos e purgar os eleitos «con questi legieri flagelli»<sup>98</sup>...São razões bastantes «per [la] consolatione» da princesa e para conhecer «quanto Iddio particolarmente l'ama, poiche non li dona i suoi contenti in questa vita»<sup>99</sup>. E se André Avellino, na mesma carta, exclama, conseqüentemente, com ecos do Sermão da Montanha - «Felice quella persona, che in questo Mondo è tribulata, e con patientia sostiene ogni cosa per amore d'Iddio» -, também não se esquece, continuando a parafrasear, em perspectiva cristocêntrica, o mesmo texto evangélico, de recordar, logo depois, que são «beati coloro, che seguitano Christo, et i suoi Santo negli affanni, e tribulationi, che con Christo, e i suoi Santi saranno consolati nel Celeste Regno». «Chi dunque - reafirma o santo - desidera essere figliuola d'Iddio per gratia, et herede della celeste gloria, bisogna, che regoli, e conformi la sua vita à quella dell'Unigenito suo Figliuolo, quale per tutto quel tempo, ch'in questo essilio, e valle di lagrime con noi mortali visse, da questo fallace Mondo non hebbe mai un' hora di piacere, nè di riposo...»<sup>100</sup>. Deste modo, a imitação de Cristo - e desses exemplares que o imitaram, um tema de sempre, mas renovado nesses dias de Contra-Reforma - pela aceitação paciente - tomemos a palavra no seu pleno sentido — da tribulação, conduz a que «tutti coloro, che si contentano patire in questa vita, quando patiscono sentono poco affanno, perche Christo abitando in loro cuori, ò poço ò niente li fà sentire le tribulationi di questa vita...»<sup>101</sup>. Compreende-se que, embora a imitação de Cristo não diga apenas respeito à aceitação das tribulações, mas, igualmente, a segui-lo «nell'humiltà, nella povertà di spirítu, nella castità nella patientia, mansuetudine, e nell'altre virtù»<sup>102</sup>, para esses dias angustiados que vivia a

---

<sup>98</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 72, 171, a Maria de Portugal, Piacenza, 7.10.1571.

<sup>99</sup> Andrea AVELLINO, *Leuere...*, I, 72, 171, a Maria de Portugal, Piacenza, 7.10.1571.

<sup>100</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 87, 194, a Maria de Portugal, Piacenza, 16.3.1572.

<sup>101</sup> Andrea AVELLINO, *Leuere...*, I, 72, 171, a Maria de Portugal, Piacenza, 7.10.1571.

<sup>102</sup> Andrea AVELLINO, *Leitere...*, I, 77, 178, a Maria de Portugal, Piacenza, 25.1.1572.

princesa, os mártires sejam os santos em cujos exemplos deve rever-se: «Specchisi in tante verginelle, quali con tanta costantia sostenerono tanti crudeli tormenti...»<sup>103</sup>.

Essa aceitação amorosa e submissa da vontade de Deus releva, porém, ainda - e é, concomitantemente, a sua face visível - de uma profunda humildade. Neste caso, porém, o santo não têm que dar conselhos, mas, antes, admirar-se de quanto a princesa se humilha ao pedir-lhe, a ele, um simples André Avellino, orações e cartas<sup>104</sup>... No entanto, não deixa de lembrar que, porque as «gratie ch'Iddio l'hà concesse, le quali sono puré assai, e grandi» a princesa «hà di bisogno di grande humiltà, quale è l'arca dove si conservano i Celesti, e pretiosi tesori» e «imperocche le molte gratie, e duoni da Dio concessi, à molti hà stata occasione di ruina per non havere havuta la santa humiltà»<sup>105</sup>. E anos mais tarde não se cansará de recordar a Ranuccio a humildade da mãe, como exemplo a seguir<sup>106</sup>. E por exemplo, ao mesmo príncipe recordará André Avellino, como testemunha de vista, que, de tão humilde, sua mãe «volontiere conversava, e ragionava con donne poverelle, e basse, purchè fussero state spiriluale, e di bona vita»<sup>107</sup>. Haverá que pesar outro significado possível - a mol-

---

<sup>103</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 87, 194, a Maria de Portugal, Piacenza, 16.3.1572. Recordemos que o tema do martírio identificado com a aflição e sofrimento pela ausência do marido ou de um filho na guerra - neste caso cambem, muito provavelmente, na empresa que culminou em Lepanto - surge explicitamente na carta que o santo napolitano dirigiu a Crisostoma Carrafa em 22.9.1571 (*Lettere...*, ed. cit., I, 71, 167), texto que citamos em nota anterior (nº 73).

<sup>104</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 66, 159, a Maria de Portugal, Piacenza, 1.8.1571.

<sup>105</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 90, 199, a Maria de Portugal, Piacenza, 22.4.1572.

<sup>106</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, II, 136, 145, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 7.5.1593: «Hò ricevuta la sua gratissima delli 21 del passato, e mi pare, che V. Alt. habbia aquistata la virtù dell'humiltà, poichè tanto si sbassa a rispondere ad ogni mia lettera, essendo io un bel niente in comparatione di V. Alt., la quale vuol'imitare la sua Signora madre, quale specchio d'humiltà». De notar, o valor social da Humildade para e em os grandes senhores: «Appresso la virtù dell'humiltà è molto necessaria à i grandi Signori, acciò siano amati, e non odiati da i loro sudditi...», *Lettere...*, I, 22, 58, à duquesa de Nocera, Nápoles, 3.9.1567. Os autores «políticos» teriam, benevolentemente, falado de Prudência...

<sup>107</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, II, 107, 113, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 30.10.1592.

dura histórica - desta preciosa alusão, tanto mais preciosa, aliás, quanto o seu confessor, um tanto ao arrepio, anotando que «Sua alteza trattava le cittadine, e le Gentildonne della Cità, ch' erano date allo spirito e alla divotione con molta amorevolezza...», dir-se-ia «eufemizar» o estrato social donde provinham as que a princesa dizia que «erano le sue amiche»<sup>108</sup>.

Naturalmente, estas reflexões sobre a humildade servem de introdução a outro tema maior das cartas do teatino para a princesa de Parma - o agradecimento pelas graças recebidas: «E però figliuola benedetta, siamo - escreve -lhe em 25.1.1572. isto é na carta em que celebra o regresso triunfal de Alexandre a Parma depois de Lepanto - sempre recordervoli de i divini beneficii, ma più dell'amore, per lo quale il Signor s'è mosso ad arricchirci di tanti duoni»<sup>109</sup>. E, desde este ponto de vista, compreendemos que lhe escreva: «veramente ella potrà sempre lodare, e benedire Iddio dal singular favore, che l'hà falto, in darle saggio del suo Divin'amore. quale se concede à poche gran Signore, quale spesso occecate dall'ambitione dell'essere più grandi, e affocale da i piaceri, e delitie della carne, e deil Mondo, non sono capaci dell'amore d'Iddio, ne gustar ponno le delitie spirituali, quali non si concedono à chi ama le delitie del Mondo, e della carne»<sup>110</sup>. Não devemos pensar que nestas linhas de uma carta de 9.7.1571, a única em que, directamente, não há explícitas alusões às preocupações da princesa pela ausência e fortuna militar do marido, André Avellino, quando lembra à princesa os louvores a que está obrigada por Deus lhe ter dado «saggio del suo Divin'amore», se refira a qualquer experiência de carácter místico. Nem a sua biografia escrita pelo seu confessor nem o contexto das linhas que citamos permitem essa interpretação... A «experiência do divino amor» - ou, segundo a tradução castelhana, «las dulzuras [del] Divino amor» — de que Maria teve provas, foram e são as tribulações — espirituais (os seus escrúpulos em relação à dôr que sentia pela ausência do marido, por exemplo), morais (a salvação de Alexandre em consequência das suas acções militares, por exemplo ainda) e físicas (a sua doença) que passou e estava passando naqueles dias de 1571 em que Alexandre Farnese se preparava para embarcar em Génova. Aliás, as reflexões citadas coroam, coe-

---

<sup>108</sup> Sebastião de MORAIS, *Vita...*, ed. cit., 18r.

<sup>109</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 77, 178, a Maria de Portugal, Piacenza, 25.1.1572.

<sup>110</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 65, 158, a Maria de Portugal, Piacenza, 9.7.1571.

rentemente, um conselho já conhecido: «Stia dunque sua Altezza animosa à sostenere tutti gli flagelli, e dolori, che'l benegno Padre le manda, acciò sia degna di ricevere la corona della Celeste gloria»<sup>111</sup>.

E nesse seu empenho em ajudar a princesa a aproveitar os seus sofrimentos como meio de progredir espiritualmente, André Avellino, curiosamente na última carta das que se guardam na coleção da sua correspondência publicada, chama-lhe a atenção para o facto de esse sofrimento causado pela ausência do marido - Alexandre preparava-se para se incorporar, outra vez, ao teatro militar que se esperava reeditasse Lepanto - se poder considerar uma manifestação de um apego desordenado às criaturas. E sem citar o passo do Evangelho em que inspira, escreve: «Iddio desidera sstare semore con noi, purché discacciamo dal cuor'nostro il dissordinato amor delle creature, quali sempre cruciano tutti coloro che l'amano, perche non si ponno havere senza affanno, ne possedere senza timore, ne perdere senza dolore. E però coloro, che sfrenatamente amano i padri, madri, figliuoli, fralelli, mariti, moglie, et ogni altra cosa, ch'è sottoposta à la mutabilità. sempre stano afflitti, e sconsolati, perche sempre temono di non perderli»<sup>112</sup>. E o santo, no seu desejo de auxiliar Maria de Portugal a desapegar-se desse tipo de amor «desenfreado», estabelece, logo depois, nessa mesma carta, um diálogo com a princesa: «Mi dirà forsi, Padre mio, io conosco, che bisogna fare così, ma per la mia fragilità non posso vincere me stessa, e distaccarmi da questi passioni, che mi cruciano. Figliuola mia in Christo diletissima, Io le hò compassione, perche sono stato in maggiori affanni di lei, per le mie inordinate passioni, ma col spesso meditare la viltà delle cose del Mondo, e la grandezza delle cose celesti, e col spesso ripensare, che le da queste mondane affettioni (bench'honeste siano) non se n'hà consolatione, et utilità alcuna, ma solamente affanno, e cordoglio: sforzato fui di gridare al Cielo, supplicando il Signore, che per mio dispetto, mi distaccasse dal disordinato amore di padre, di madre, fratelli, et d'oggi altra cosa cara, c'havuta havesse». O que a princesa deve propor-se é, assim, esse amor que «non crucia, nè affligge», que, como confessa o santo, é o amor forte que sente pelas suas filhas espirituais<sup>113</sup>.

---

<sup>111</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 65, 158, a Maria de Portugal, Piacenza, 9.7.1571.

<sup>112</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 87, 194, a Maria de Portugal, Piacenza, 16.3.1572.

<sup>113</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 63, 153, à condessa Giulia Sanseverino, Pia-

Na oração da princesa - um tema central do seu «memorial de vida cristã» - ocupa, como se deduz de algum trecho da correspondência com André Avelino que já assinalamos, um lugar importante a sua preocupação pelo marido, traduzida na oração pela sua saúde física e espiritual<sup>114</sup>. O santo, porém, sem deixar de louvar essa oração, insiste, na carta que lhe escreve depois de Lepanto, em que Maria, como os todos que têm luz de Deus para conhecer a verdade, deve «pregare la Divina Misericordia per coloro, che stano nelle tenebre dell'ignoranza, e de i peccati. Imperoche le membra sana ajutano l'inferme, l'illuminati guidano i ciechi, i dotti insegnano gl'ignoranti, i ricchi soccorrono à i poveri, e i giusti pregano per li peccatori»<sup>115</sup>. Não temos por que nos demorar aqui a recordar a importância que a doutrina do «corpo místico» teve nas correntes reformistas do século XVI - M. Bataillon sempre lastimou não lhe ter dado mais importância no seu *Erasmus y España* -, mas valerá a pena recordar que André Avelino, apelando ao exemplo da rainha Ester que «col suo celitio, colle sue lagrime, digiuni et orationi liberò dalla crudele morte tutta la sua gente», e da Virgem Maria, «Regina degli Angeli, et avvocata de i peccatori». insiste, ainda na mesma missiva, em que é preciso que [a princesa] seja «avvocata appresso della sua Divina Maestà per lo suo populo». E, como já tivemos ocasião de assinalar, «nè senza mistério ella hà sortito il nome di Maria», «così sua Altezza imitando colei, di cui hà il nome, colle sua orationi voglia provocare Iddio à compassione di tanti peccatori del popolo di Parma, e di questa Città di Piacenza, ov'è tanto amata, e desiderata»<sup>116</sup>.

---

enza, 17.6.1571, formula assim esse amor paternal: «E perciò amandola con tutte le viscere del cuore, e essendole non padregno, ma vero padre, et essendo ella le viscere dell'anima mia...»; a Maria de Portugal refere o «paterno amore»..., o «purissimo, e parteno afetto» com que a ama, Conf., *Lettere...*, I, 87, 195 e I, 90, 199.

<sup>114</sup> Sebastião de MORAIS, *Vita...* ed. cit., 13r. indica que, se «d'ordinario sin da picciola», Maria de Portugal confessava-se e comungava «una volta al mese». «quando il Signor Principe andava alla guerra, si communicava ogni quindici giorni, e ogni otto giorni...».

<sup>115</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 77, 178, a Maria de Portugal, Piacenza, 25.1.1572.

<sup>116</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 77, 179, a Maria de Portugal, Piacenza, 25.1.1572.

Também P. Ribadeneira que visitou o colégio dos jesuítas de Parma em 1569, escrevia que a princesa era muito querida na cidade e que, por ela, supunha que também o fossem os seus servidores, incluindo, naturalmente, o seu confessor, Sebastião de Moraes. Conf. Mario SCADUTO, *Storia della Compagnia di Gesù in Italia, V - L'Opera di Francesco Borgia*, ed. cit., 319.

Por estas brechas introduz o santo, como já aludimos, um dos temas mais caros da sua correspondência com os grandes deste mundo, especialmente com os príncipes de Parma - a importância do seu exemplo. E no caso de Maria de Portugal, como há-de recordar tantas vezes a Ranuccio, afiança, nessa mesma carta de 25.1.1572, que, a gente de Piacenza, «E certo hà molto bisogno della sua presentia, per eccitarli col suo essemplio alia vita christiana, nella quale per gratia del Signore molti gentilhuomini, e gentil donne appoco appoco si vano incaminando, ma per esserno principianti hano bisogno della dua guida, acciò piú speditamente possano caminare nella via del Signore, perche non mancano delle tentationi, e di quelle persone, che dicono, che tanto confessare, e comunicare? ma se sua Altezza fosse quì, col suo favoro cessariano tante baje».

Nada admira que nesta correspondência em que os conselhos, a estima e a admiração pela princesa se fazem, confessadamente, patentes num esforço de a auxiliar espiritualmente nesses tempos de ausência e guerra, André Avellino, depois de na segunda carta lhe ter dito que Deus «s'è degnato accettarla, non per sua serva, ma per sua cara figliuola, posciache dal fiore della sua giuventù l'hà chiamata al suo divino amore»<sup>117</sup>, aprofunde um pouco mais esta ideia e escreva: «Con darle questa bona, e felice nova, che tengo gran speranza, che sua Altezza sia nel numero delle figliuole di Dio»<sup>118</sup>. Vindo de alguém que, por estas datas, gozava já de fama de santo a esperança de eleição deveria ser entendida como uma forma de certeza... Uma certeza que conlevava outra certeza: «posciache poco, o quasi niente — continuava o santo — può godere in questa mortale, e misera vita...». Deverá ter sido esta certeza que, como vimos, a levou, neste momento, a recorrer ao santo, solicitando-lhe que lhe escrevesse - «e specialmente in questi giorni che etla stà alquanto afflitta...».

V - Apesar do que já lembramos sobre o que poderá entender-se por director espiritual nos dias em que André Avellino escrevia à princesa de Parma, cremos será legítimo pensar que, a estar por essas sete cartas que a podem directamente documentar, essa direcção dir-se-ia ter-se limitado, com um preciso acento ascético, a ajudar a princesa a aceitar a sua angústia e consequentes

---

<sup>117</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, 1, 65. 157, a Maria de Portugal, Piacenza, 9.7.1571.

<sup>118</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 87, 193, a Maria de Portugal, Piacenza, 16.3.1572.

sofrimentos físicos causados - aquela e estes - pela ausência e pela sorte militar do marido num quadro de aceitação do amor providencial de Deus.

No entanto, ao longo da correspondência de André Avellino com Ranuccio Farnese, Maria de Portugal está constantemente presente, se não omnipresente... E não só porque, como também já lembramos, seria, segundo lho recordava André Avellino que o sabia «di scientia certa», o filho mais amado da princesa, mas ainda, porque a sua assídua correspondência com o príncipe era uma forma de cumprir a promessa que o santo fizera «alla Signora Madre sua, quale tanto mi raccomandò V. Alt. più ch'ogni altro»<sup>119</sup>. Duas razões que lhe permitem recordar, insistentemente, ao príncipe herdeiro do ducado de Parma quanto era seu dever ter presente o exemplo de sua mãe. Ora, é a evocação desse exemplo que nos permite, aprofundando um pouco mais as alusões que ficam feitas, descobrir outras formas de que se poderá ter revestido essa direcção espiritual que os teatinos do século XVIII gostaram de sublinhar. Isto sempre na suposição que o santo, no seu desejo de ser útil a todos os que se lhe dirigiam, não sobrevalorizava o seu papel dizendo a cada qual o que ia dizendo a todos... Como é fácil de verificar, algumas fórmulas, por exemplo, com que significa à princesa de Parma o apreço com que lia as suas cartas, encontrámo-las repetidas a Ranuccio e até a outras suas dirigidas<sup>120</sup>...

Deste modo, o príncipe, «desiderando [...] havere delle mie lettere (come faceva la Serenissima Signora sua Madre), si dimostra vero, e degno figlio d'una tale, e tanta Signora, ch'era un vivo ritratto di vera santità»<sup>121</sup>, o que, evidentemente, o leva, como, segundo diz, insistentemente lhe solicitava Ranuccio, a escrever-lhe «almeno una volta il mese»<sup>122</sup>. Uma frequência que, tal como acontecia com Maria de Portugal, nem sempre foi

---

<sup>119</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, II, 487, 521, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 1.7.1604. Conf. ainda: «e però io amando con singular affetto V. Alt. (sì per essere mio caro figliuolo, lasciatomi da quella santa anima della Serenissima sua Signora madre, à quale io tanto devo)...», *Lettere*, II, 55, 51, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 14.6.1591.

<sup>120</sup> Aos exemplos já citados, podemos ainda, um tanto ao acaso, juntar: «Grata m'è la sua delli 20 del passato, quale più volte ho letta con grandissima consolatione. vedendo che le mie lettere le sono care, e le desidera...» in Andrea AVELLINO, *Lettere...*, II, 6, 5, a Ranuccio Farnese. Nápoles, 23.11.1590.

<sup>121</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 321, 479, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 31.8.1589.

<sup>122</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 321, 480, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 31.8.1589, referência ajuntar a alguma que já ficou apontada.

regular<sup>123</sup> ... Mas o que nos deve interessar aqui é o facto de André Avellino propor a Ranuccio, que ele, tal como fazia sua mãe, também vá indicando os «pontos» sobre que deseja que o santo lhe escreva... Com efeito, pondera André Avellino em 23.1.1592, «dica pure liberamente (come faceva quella santa anima della sua Signora Madre) quello che vuole, ch'io faceia...»<sup>124</sup>, para um pouco mais tarde, em importante carta de 15.9 do mesmo ano, explicitar: «Soleva la sua benedetta, e santa Madre cercarmi lettere, secondo il bisogno dell'anima sua, e voleva ch'io le scrivesse cose...»<sup>125</sup>. E o teatino indica que essas *cose* — «pontos de meditação», na inteligente versão do tradutor castelhano - pedidas pela princesa se dirigiam, em grandes linhas, «ò che l'eccitassero al proposito de qualche virtù, ò che la rimovessero da qualche naturale imperfettione, à quale si vedeva inclinata...»<sup>126</sup>. Deste modo, ía-lhe o santo escrevendo sobre a humildade..., o desprezo do mundo e de si própria..., a importância desarraigat as paixões..., o amor de Deus..., o valor da esmola<sup>127</sup>..., orientações ascéticas cuja prática se pode, facilmente, documentar, quer no seu «Memorial de vida», quer nos testemunhos que Sebastião de Morais deixou nas suas recordações. Por esta mesma missiva de 15 de Setembro de 1592, ficamos a saber um pouco mais sobre como trabalhava a princesa estes pontos: copiava-os por sua mão - também copiava os pontos mais importantes dos sermões que ouvia e muito do que lia<sup>128</sup> - para, em seguida, no recolhimento do seu orató-

---

<sup>123</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, II, 487, 521, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 2.7.1604: «Molti anni sono, che non hò scritto a V. Alt., ma sia più che certa che non è passato mai giorno che non habbia havuta particolare memoria di lei...», situação que representa o extremo limite dessa irregularidade.

<sup>124</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, II, 87, 93, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 23.1.1592.

<sup>125</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, II, 105, 110, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 15.9.1592.

<sup>126</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, II, 105, 110-111, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 15.9.1592.

<sup>127</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, II, 105, 111, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 15.9.1592; II, 114.120, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 27.9.1592; II, 136, 145, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 7.5.1593; II, 642, 638, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 16.6.1608, para cada um dos pontos acima referidos.

<sup>128</sup> Sebastião de MORAIS, *Vita...*, ed. cit., 9r: «...quando sentiva qualche predica, notava di sua mano i punti, et alle volte procurava d'havere le prediche intiere in iscritto; e di quelli punti scritti di sua mano, et prediche havute da gli stessi predicatori, se ne

rio, os meditar<sup>129</sup>, isto é, os transformar em exercícios<sup>130</sup>... E se todas as biografias do santo assinalam que escreveu um *Trattato do Dispregio del Mondo* a pedido da princesa, será legítimo pensar que essa obra, tal como o «Tratado da Humildade» e do «Amor de Deus e do próximo» que, durante algum tempo, foi tomando corpo nas cartas a Ranuccio..., foi, originariamente, também elaborado sob a forma epistolar.

Todos estes conselhos e orientações parecem pressupor uma presença epistolar do santo junto da princesa de Parma que vai, como já sugerimos, mais além desses dois anos que documentam as cartas que dele nos restam. O que parece significar que, independentemente de qualquer encontro ou visitas a que, alguma vez, André Avellino alude<sup>131</sup>, essa presença se traduziu em uma correspondência mais vasta. De todos os modos, esse conhecimento que o santo napolitano foi adquirindo sobre a vida espiritual de D. Maria - um modo de viver fortemente ascético e quase anti-cortesão, como sugerem a sua *Vita* e algumas cartas de André Avellino - foi-se transformando, perdoe-se-nos que o reiteremos, num sentimento de

---

sono ritrovalti parecchie nelle sue scritture». De alguma passagem de uma carta de Andrea Avellino à princesa sabemos que ouviu pregar o Padre Gabrielle Fiamma, Cónego Regular, e também que o terá apreciado. «E se ben non le mancano dei libri, nè le parole della viva voce dei Rev. Padre Fiamma (che veramente infiammano ogni aghiacciato, e consolano ogni afflitto cuore, che volglia consolarsi) nondimeno...» in *Lettere...*, ed. cit., I, 87, 193. a Maria de Portugal, Piacenza, 16.3.1572.

<sup>129</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...* II, 105, 111. a Ranuccio Farnese, Nápoles, 15.9.1592: «E poi mi disse, clie di sua mano trascriveva delle mie lettere quei punti, che più l'eccitavano, e le meditava nel suo Oratorio...». Conf. ainda, *Lettere...*, I, 67, 162, a Giulia Sanseverino, Piacenza, 27.8.1571: «Imperochè stando in camera, ha più tempo di consolarsi colle sante medicazioni, et orationi, sicome fà la Serenissima Principessa di Parma; quale gran parle del giorno consuma in meditare, orare, con spesso confessarsi, e comunicarsi...».

<sup>130</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, II, 105, 111, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 15.9.1592; «E con questi essercitii cercava d'estirpare dal suo purissimo cuore le naturali passioni, e imperfettioni, quali nascono con noi...».

<sup>131</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, II, 107, 113, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 30.10.1589, em que recorda que a princesa conversava com «done poverelle, e basse, purchè [...] spirituali», «il che io hò visto in Piacenza». Não há alusões qualquer «encontro» em Parma, mas SALAZAR Y CASTRO, *Indice de las Glorias de la Casa Farnese...*, ed. cil. 664 diz que André Avelino foi chamado por Maria de Portugal a Parma, o que confirma F. ANDREU, *Dizionario Biografico degli Italiani...*, III, ed. cit., 69-72. mas, infelizmente, nenhum dos amores data essas viagens.

admiração e num proclamado reconhecimento da sua santidade. Talvez, por isso, valha a pena, tentando completar alusões que já ficaram feitas, analisar um pouco mais os testemunhos e outras manifestações em que o teatino alicerça esse reconhecimento.

Invocando, diante de Ranuccio precisamente, em carta de 5.7.1589, o seu conhecimento de «i screti del suo purissimo cuore», André Avellino garante, numa passagem que já tivemos ocasião de referir, que «la Sere-nissima Signora Principessa sua Madre, [...] era molto più santa nell'intere, ch non è scritto in quello libretto della sua vita...»<sup>132</sup>. Anos mais tarde, em 30.10.1592, insiste, junto do mesmo príncipe, «che molte più virtù, e perfettioni erano in quell'anima benedetta, che non sono scritte in quel libretto della vita, e morte sua...»<sup>133</sup>. Com efeito, a princesa, não só como um S. Luis de França - um exemplo que recorda algumas vezes a Ottavio..., a Ranuccio e a outros «grandes» —, «se ben non lasciò il suo regno col corpo, il lasciò coll'affetto», o que diz bem de quanto ela sabia de «la piciolezza, e viltà del mondo, e di lutte le cose che nel mondo sono»<sup>134</sup>, mas também de quanto «[cercava] sempre d'imitare à la Madre d'Iddio, quale se ben descendea da stirpe regale, e sacerdotale, quanto al corpo, e era colma d'ogni virtù, e d'ogni gratia, quanto all'anima; nondimeno vilissima tra le done si riputava»<sup>135</sup>. Não poderá, portanto, pôr-se em dúvida que a princesa foi e será exemplo, exemplaridade para que, segundo o santo teatino, a princesa Maria tinha sido eleita por Deus<sup>136</sup>, aliás, como todos os grandes senhores, e que, como decorre de tantos propósitos que registou no seu «memorial de vida» e de tantos gestos e palavras seus que recorda Sebastião de Morais, ela terá assumido como uma sua - se não mesmo a principal - função social. Talvez ela se visse no

---

<sup>132</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 315, 474, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 5.7.1589.

<sup>133</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, II, 107, 113, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 30.10.1592.

<sup>134</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, T, 315, 473, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 5.7.1589.

<sup>135</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, II, 107, 113, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 30.10.1592.

<sup>136</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 65. 157, a Maria de Portugal, Piacenza, 9.7.1571. Beatrice COLLINA, *L'Esemplarità delle Donne Illustri fra Umanesimo e Controriforma in Donna, Disciplina, Creanza Cristiana dal XV al XVIII Secolo. Studi e Testi a Stampa* (a cura di Gabriella Zari), Roma, 1996, 103-119.

papel de «princesa cristã» dos seus dias de Contra-Reforma<sup>137</sup>... André Avellino, pelo menos, ele que nunca se cansou de proclamar a necessidade do bom exemplo por parte dos «grandes», assim a veria<sup>138</sup>...

Um exemplo em vida para os seus contemporâneos, especialmente, como verificamos, para os seus súbditos de Parma e Piacenza, quer no que toca à oração e à frequência dos sacramentos - o inquisidor de Parma, por sua vez, podia permitir-se lembrar-lhe à hora da morte que tinha feito «col'opere, e essemplio suo tanto bene in questa città, la quale è tutta riformata»<sup>139</sup> - quer pela humildade que manifestava na benevolência com que «conversava», como é testemunha de vista, como já, por mais de uma vez,

---

<sup>137</sup> José Manuel Marques da SILVA editou, com um rigoroso estudo introdutório (*Imagens da Princesa e da Dama na Corte de D. João III*), o *Libro Primero del Espejo de la Princesa Christiana* de Francisco de Monzón (Porto, 1997) como dissertação de Mestrado em Cultura Portuguesa apresentada a Faculdade de Letras da Universidade do Porto (ed. Policop., 2 vol.s).

<sup>138</sup> Apesar de já em nota (nº 53) termos remetido para algumas cartas do Padre Avellino em que o princípio da necessidade - e, conseqüentemente, da obrigatoriedade - do «bom exemplo», por parte dos grandes senhores, é afirmado e exposto, valerá a pena recordar aqui algumas passagens dessa assídua correspondência com duas grandes senhoras: «Sà V. S. I. che più volte l'hò detto, che sempre prego per li gran signori, se ben non li conosco, perche dal buono essemplio della loro vita nasce la gloria d'Iddio, e l'utile dell'anime, più che dalle prediche di Francischino, del Fiamma, ò del Cornelio...», in *Lettere*, ed. cit., I, 59, 146, a Geronima Colonna, s. d.; «Perchè fà più frutto all'anime l'essemplio della bona vita d'un gran signore, ò signora, che non fanno le prediche di cento famosi predicatori...», in *Lettere...*, 1, 23, 61, a duquesa de Nocera, Nápoles, 16.10.1567; «...Molto più vorrei che vi caminassero [pelas estradas seguras da vida espiritual] le persone Illustrissime di sangue, e specialmente quelle à quali Iddio hà dato il governo dei popoli. Imperoche à i signori, più che agli altri conviene fare veramente vita spirituale per molte ragioni...[...] Apresso i signori debbono fare vita veramente spirituale, perche son posti nel mondo per essemplio de i popoli, quali essendo ignoranti, e non sapendo per scientia vera vita spirituale, cercano imitare i loro superiori...», in *Lettere...*, 1, 94, 207, a Crisostoma Carrafa, duquesa de Atripalda, Nápoles, 5.8.1582.

<sup>139</sup> Sebastião de MORAIS, *Vita...*, ed. cit., 14v: «et particolarmente un giorno, ch'essendo venuto il Padre Inquisitore à visitaria, per darli animo le disse, vostra Altezza si dovria consolare, poi che con la gratia di nostro Signore hà fatto col'opere, et con l'essemplio suo tanto bene in questa Città, la qual è tutta riformata...». Conf. ainda *Vila...*, ed. cit., 18v.: «Onde essendo io venuto poco fa da Roma, ella con molt'allegrezza mi disse, voi sentirete gran consolatione, à vedere in questa città quanto si tratta, et come è bene introdotta l'oratione».

assinálamos, o próprio santo em Piacenza, «e ragionava con donne poverelle, e basse, purchè fussero state spirituale, e di buona vita...». Como já tivemos ocasião de sugerir, talvez esta alusão do santo, para além do que poderá significar do grau de humildade que a princesa procurava impor-se - ela que segundo o seu confessor «si conosceva di natura altiera, et assai inclinata alle vanità, e alla gloria...»<sup>140</sup> - possa pôr-nos na pista de alguns encontros - reuniões, talvez fosse mais correcto... - com gente espiritual do tipo das beatas que tão comuns eram na Lisboa - e no Portugal - que deixou em 1565... «Conversare» e «ragionare», com efeito, parecem significar - e exigir - reunir... De qualquer modo, porém, se não estamos apenas diante da sua exploração retórica em registo piedoso, essas «circunstâncias, que, nos seus factos, testemunhavam a sua humildade, parecem ter notoriamente contrastado com as práticas de relacionamento - não dizemos de convivência - que regiam a estratificação social da Piacenza desses dias... Talvez, por tudo isso, «gli huomini dell'Oratorio della Chiesa Catedrale di San Pietro di Bologna», lido que foi o «chiaro testimonio, quello che di lei a scritto il Rever. Padre della Compagnia del Gesu, theologo, e confessore suo», maravilhados que tão alta senhora «habbi però con tanta riverenza frequentate le Chiese, cossi osservati li giorni festivi, con tanto fervore adoprastasi nella disciplina chistiana delle Pulle, si affettuosamente ricevuti, et accarezzati i poverelli, ragionato, et ascoltalto sempre cosi volentieri, e con tanta humiltà, e devotione delle cose di Dio...», decidiram que havia que «conservare publica memória di cosi raro essemplio, accaduto si può dire ne gli occhi nostri...». A publicação, em 1578, desta primeira edição - uma primeira entre as várias primeiras desse ano - da *Vita e Morte della Serenissima Principessa di Parma e Piacenza* deveu-se, precisamente, a esse desejo dos devotos membros desse Oratório bolonhês de salvar do esquecimento «tale essemplio cosi vivo, cosi fresco, e cosi notabile...»<sup>141</sup>.

---

<sup>140</sup> Sebastião de MORAIS, *Vita...*, ed. cit., 13v. D. Francisco Manuel de MELO, *Teodósio II*, I, 2 (cit. pela tradução que Augusto Casimiro deu do Cód. 51-111-30 da B. P. A. D. E.). Porto, s. d., 136, refere, quase por contraste com Maria, «dama virtuosa e ilustre, exemplo excelente de piedade e constância» (126), que «já então era tão conhecida a altivez de D. Catarina», sua irmã...

<sup>141</sup> Sebastião de MORAIS, *Vita...*, ed. cit., 3v, 4r-4v. Que motivos estarão na base das, quatro edições (Roma, Bolonha, duas em Milão) da *Vita...* nesse ano de 1578? Seria justo sugerir uma campanha de «propaganda»? Interesses familiares ou de institutos religiosos? Seria interessante tentar precisar alguns aspectos destas e das seguintes edições.

Compreendemos que, assim, passasse Maria de Portugal a ser um exemplo depois da morte e, antes de mais, como assinalavam os promotores dessa primeira edição da sua *Vita...*, às «nobilissime et devotissime Madonne» da «Compagnia della Communione» da mesma catedral de S. Pedro de Bolonha... Depois, por meio destas, a todas as outras senhoras<sup>142</sup>... E, como já sabemos, é André Avelino quem fornece alguma das primeiras indicações acerca da ressonância dessa *Vita* da princesa e, como esperavam esses, dos primeiros sinais da imitação do seu exemplo. Com efeito, o santo napolitano, que, apesar de achar que essa *Vita* ficava muito aquém da realidade pelo que à santidade da princesa se refere - e compreensivelmente, pois Sebastião de Morais não quis escrever uma acabada biografia -, guardava um exemplar «nella nostra cella per memoria di quella santa anima»<sup>143</sup>, aponta a Ranuccio, em 27.11.1592, como um estímulo mais para seguir o exemplo de sua mãe, que «tante Signore in questa Città leggendo il libretto della santa vita, e della felice morte della Serenissima Signora madre sua, s'eccitano al ben"operare, e à riputarsi vili, come faceva

---

pois em 19.11.1579 em uma minuta de carta escrita em nome, ao parecer, de Ottavio Farnese pelo seu secretário Giovan Battista Pico (a letra assim o indicia), conservada no A. S. P. (*Carteggio Farnesiano Interno*, B. 75), dirigida a um «Molto magnifico Signor mio Osservandissimo», afirma-se que o destinaria desejava que o duque Ottavio escrevesse «al padre Morales che consegnò al P. Palmio à Roma la copia reformata della Vita, e Morte della S.ra Principessa che sia in cielo...», sugerindo mais ainda que o duque não queria intervir directamente no forçar o Padre Morais a entregar esse escrito, «perche parrebbe che ambisce troppo questa publicatione» e que, por isso, há que o conseguir por outra via. Em apêndice (II) publicamos esse texto. Ignoramos se esse P. Palmio deverá identificar-se com Benedetto Palmio (†1598) ou com Francesco Palmio (†1585), ambos jesuítas e ambos naturais de Parma, conforme se verifica em Mario SCADUTO, *Catalogo dei Gesuiti d'Italia (1540-1565)*, Roma, 1968, 110. Curiosamente, a tradução castelhana de *Vita e Morte...* que se guarda na B. P. A. D. E. (Cod. CIV/1-17) não coincide de um modo constante com a tradução de Francisco Alvarado impressa em Roma em 1580 (Hereditários de António Blado). É interessante notar que a versão do ms. de Évora está datada de 15.7.1579, o que supúnhamos um equívoco por 15.7.1577. Será de manter essa suposição? Terão essas variantes algo a ver com a «reforma» apontada no documento que referimos? (Note-se que o classificador do documento datou-o, ao alto da folha, de 1575, e como tal se encontra equivocadamente classificado na respectiva caixa).

<sup>142</sup> Sebastião de MORAIS, *Vita...*, ed. cit., 4v.

<sup>143</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, II, 107, 113-114, a Ranuccio Farnese, Nápoles. 30.10.1592.

quella santa anima, quale quanto piú s'humiliò, tanto più è stata essaltata nella Celeste patria, et ancora in questo essilio, ove più d'ogni altra gran Signora della nostra età è celebrata...»<sup>144</sup>. André Avellino referia-se, exactamente, a Nápoles, e sabemos, porque assim já o afirma em carta datada, dessa cidade, de 31.8.1589, que «specialmente [é celebrada] da queste Signore napolitane, quali tengono il libretto della vita di sua Altezza, e spesse volte son stato dommandato della bontà di detta Signora da molte Signore, et in particolare della Signora Vice regina di Napoli. E leggendosi il libretto della vita di quella santa anima, e sentendo da me le bone qualità di quella sì rara Signora, molte Signore pensarano di mutare vita...»<sup>145</sup>. Em Nápoles, poderá, assim, ter existido, com a Vice-Rainha à frente, um (pequeno?) grupo de admiradoras de D. Maria de Portugal..., um grupo onde, como parece ser legítimo deduzir, pondera André Avellino... E à própria Vice-Rainha, D. Maria de Zuñiga, lembrava-lhe, em 1588, juntando ao seu clássico exemplo de S. Luis de França o da princesa de Parma, que o mais importante não era abandonar fisicamente o mundo, mas, sim, «colla mente, e col cuore»<sup>146</sup>. Talvez seja esta moldura que, de algum modo, ajuda a compreender, que, em Nápoles, ainda em 1612, volte a editar-se, por Lazzaro Scorigio, a *Vita e Morte*, acompanhada do *Pianto della Marchesa di Pescara sopra la Passione di Christo*, dos *Discorsi sopra l'Amor di Dio dei P. M. Ávila* e da *Offerta di se stesso al Signore fatta da un divoto religioso*<sup>147</sup>. Curiosamente, discorrendo por outras cidades onde a fama da princesa de Parma se poderá ter difundido através da edição da sua *Vita...*, de um ou outro modo, verificamos que por lá também andou André Avellino... Em Bolonha, onde deveria cundir o seu exemplo, como desejavam

---

<sup>144</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, II, 114, 120, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 27.11.1592.

<sup>145</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 321, 479, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 31.8.1589.

<sup>146</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 277, 426, a D. Maria de Zuniga, Vice-Rainha de Nápoles, S. Paolo, 12.8.1588: «...chi non poteva allontanarsi (do mundo) col corpo, s'allontava colla mente, e col cuore. [...] E nel tempo nostro habbiamo visto la Serenissima principessa di Parma, che tante volte il giorno si ritirava à meditare, e à gustare la dolcezza del divin'amore, e conversando sempre stava sopra di se per non trascerrere in parole otiose...».

<sup>147</sup> Eva-Maria Iung INGLESSIS, *Il pianto della marchesa di Pescara sopra la Passione di Cristo* in *Archivio Italiano per la Storia della Pietà*, X (1997), 115-204 (artigo de 1957, mas só publicado era 1997), analisa esta interessante edição.

os piedosos membros do Oratório da catedral da cidade patrocinadores da edição do «libretto», passou, nos dias de visitador da Lombardia (1577-1579), o santo napolitano com demora que permitiu verificar a sua eficácia como guia de almas<sup>148</sup>... Em Milão, que também quis editar, no mesmo ano, a obra de Sebastião de Morais, foi o santo prepósito da casa dos teatinos entre 1578-1581, isto sem falar na fama que a infeliz condessa Giulia Sanseverino teria ajudado a difundir, ela que alguma vez foi a intermediária das cartas de Maria para o santo<sup>149</sup>... Se, evidentemente, nada disto quer dizer que a ele se deva a promoção dessas edições, em qualquer dos casos, nada custa a crer que o santo teatino, admirador da santidade da princesa e, conseqüentemente, como o declara em alguma carta que ficou referida, um propagador da sua *fama sanctitatis*, se tivesse empenhado na difusão desse «libretto» que, segundo ele mesmo declarava, embora ficasse muito aquém da verdade, era a única fonte acessível para aceder ao conhecimento da biografia dessa «santa anima»... E isto por uns anos em que Diego Pérez de Valdivia, um discípulo de Juan de Ávila e admirador dos capuchinhos, comentava a tradução castelhana da *Vita* (Barcelona, Jerónimo Genovés, 1587), se procedia à edição desta última obra em italiano (Florença, 1593) e à reedição, agora em Espanha, da tradução para castelhano da obra de Sebastião de Morais (Madrid, Pedro Madrigal, 1591) cuja primeira edição parece ter saído em Roma (1580)... Por todas estas circunstâncias, podemos aceitar que não brotassem apenas da piedosa pedagogia de um director empenhado em constantemente recordar a um filho o exemplo de uma mãe, as palavras com que André Avellino exaltava a perene fama da princesa de Parma depois da morte como algo que alcançaria o filho e herdeiro do ducado se imitava as virtudes de sua mãe: «Pensi bene Signor mio, - escrevia a Ranuccio em 30.8. 1589 - quante Prencipesse, Duchesse, e Regine sono state da molti anni in quà. Di nulla si fà mentione, e di nulla si fà stima, se non della Serenissima Signora sua Madre, qual'è celebrata per tutta la Christianità [...] Segua le vestigia della sua bona madre, che sarà con lei immortale in questa, e nell'altra vita<sup>150</sup>.

---

<sup>148</sup> Gio, Batt. CASTALDO, *Della Vita del Padre Don Andrea Avellino, Chierico Regolare. Breve Relazione*, ed. cit, IX, 46

<sup>149</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 65, 156, a Maria de Portugal, Piacenza, 9.7.1571: «...son'otto dì, che dalla Signora contessa Giulia mia carissima figliuola, hò da Milano havuta una lettera di sua Altezza degli 26 di maggio...».

<sup>150</sup> Andrea AVELLINO, *Lettere...*, I, 32), 479-480 a Ranuccio Farnese. Nápoles,

VI - Depois de tudo, o sentido da direcção espiritual de Santo André de Avellino junto de Maria de Portugal parece ser o da correspondência que mantiveram. Embora o que dela nos resta seja extremamente parcelar e o que dela podemos prudentemente avaliar através das cartas a Ranuccio Farnese deva ser, por muito importante que resulte para o nosso ponto de vista, lido com alguma cautela, pois se foi escrito por um santo, também o foi, muitas vezes, por um velho a quem tremia a mão ao escrever<sup>151</sup> - e a distância dos anos costuma embelezar o passado -, apesar de tudo isso, tudo ponderado, parece ser possível aceitar que essa correspondência com os Farnese permite vislumbrar que o santo napolitano não teve que ajudar D. Maria a resolver questões de consciência - para isso tinha os seus confessores, teólogos e até inquisidores<sup>152</sup> e até alguns «especializados» em determinados assuntos ou momentos<sup>153</sup> - nem em caminhos de alta mística. Antes de mais, durante alguns anos - de modo especial, entre 1571 e 1572 —, foi o seu papel junto da princesa de Parma, como de outras grandes damas, quase o de um confidente - que já então era considerado um santo - de angústias e preocupações por um marido ausente e em perigo. Procurou, então, o santo, bem de acordo com o seu estilo<sup>154</sup>,

---

30.8.1589. Conf. ainda *Lettere...* II. 125, 135, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 12.11.1593: «Perchè altro non cerco, se non ch'ella viva talmente, che sia celebrata nel Mondo (com'è la sua Signora Madre) e che nel Cielo sia gloriosa...».

<sup>151</sup> Andica AVELLINO, *Lettere...*, 11, 142, 149, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 23.7.1593: «...i documenti, che l'eterno Padre per messo della mia sciocca, e tremante mano...»; II, 154, 162, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 23.9.1593: «...queste lettere, ch'Iddio le manda scritte da me ignorante, e impotente vecchio...»; 11, 176, 183, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 15.12.1593: «ella porrà in opera i consigli, che'l Celeste Padre le donna per messo della mia tremante mano, che l'età di 73 anni hormai già mi fà inhabil'à scrivere...»; II, 215, 234, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 10.11.1594: «Signor mio, se ben che vecchio, e hen spesso la mano mia trema, quando scrivo...»; II, 346, 363, a Ranuccio Farnese, Nápoles, 9.8.1599: «se ben mi trovo in età di 78 anni, colla mano tremante...», *et passim...*

<sup>152</sup> Sebastião de MORAIS, *Vita...*, ed. cit., 9r.

<sup>153</sup> Sebastião de MORAIS, *Vita...*, ed. cit. 21v-22r: «...venne in persuasione di se stessa di havere à vivere poco, perciò mandò à chiamare il Padre Rettore di Gesuiti à Novelara, acciò si trovasse presente alla sua morte...»; e conf. 26v.: «Fecce ritornare il Padre rettore della compagnia del Giesù da Novelara, acciò si ritrovasse alla sua morte, della cui virtù, et modo d'aiutare l'anime in quel passo haveva grande opinione...».

<sup>154</sup> G. De LUCA, *Dictionnaire de Spiritualité...*, I, ed. cit., 551b: «L'oeuvre épistolaire du saint n'est remarquable ni par sa finesse psychologique, ni par sa richesse

dar um sentido espiritual a um sofrimento que chegou a prostrar fisicamente a princesa. Depois, a julgar pelas recordações que foi deixando nas cartas a Ranuccio, a sua direcção espiritual poderá, talvez, ter-se aproximado das funções de um paternal - algo de acordo com a caracterização que faz do seu afecto - director de exercícios que, com ternura e fervor, vai levando o exercitante - a sua «figliuola carissima»..., «figliuola diletissima»..., «figliuola mia cara»..., «figliuola benedetta»... - a descobrir ou a confirmar a sua vocação - que também pode ser a sua função social — de alto exemplo - por situação hierárquica e por profunda vivência religiosa - de vida cristã. E desta descoberta, talvez, tenham resultado alguns momentos do seu «memorial de vida» em que a consciência dessa vocação é mais acentuada - a participação nas procissões..., na frequência dos Sacramentos..., na veneração de imagens e relíquias dos santos..., na veneração dos sacerdotes... -, ou mesmo também em certas manifestações do seu «dever» de moderar os efeitos da Justiça do Príncipe sem a desvirtuar - quase traduzimos o que o conde Giulio Landi diz a tal respeito<sup>155</sup> - bem como ainda algumas realizações de carácter social - que o seu tempo

---

doctrinale, ni par la variété de ses arguments spirituels; l'allure est didactique; ce sont des exhortations en forme de lettres [...] on y sent un coeur chaud, qui y prodigue sa tendresse et ses soins paternels»; mesmo que se pense que será possível introduzir-lhe algum matiz que o torne mais justo, cremos que, fundamentalmente, tal juízo permanece válido.

<sup>155</sup> Giulio LANDI, *La Descrizione de l'Isola de la Madera...*, Piacenza, Francesco Conti, 1574, obra dedicada a Maria de Portugal de quem afirma, precisamente, na dedicatória; «...con molta amorevolezza, è gratia, volentieri priega lo Illustrissimo, et Eccellentissimo suocero suo per li poveri incarecrati senza offesa veruna della giustizia...»; Sebastião de MORAIS, *Vita...*, ed. cit., 19r., assinalando-lhe as raízes já longínquas, confirma, de certo modo, a prática dessa mesma obra de misericórdia: «Mi ricordo haver sentito dire ad una nobile persona, ch'era sola consapevole di questa cosa, che quando era in Portugallo, haveva molta divotione in liberare qualche poverello di prigione per debiti, e con guadagno de suoi lavori, et industria, et che oltre il lavoro, ch'ella faceva il giorno, si levava secretamente la notte à lavorare, tanto sentiva piacere in questa charità, et in questo modo hà fatto liberare molti». Cremos não seria violento querer ver neste conjunto de manifestações - da piedade a *ars orandi*, passando pelas obras de misericórdia - uma espécie de actualização, sob o alo da Contra-Reforma, de elementos do tópico hagiográfico da *imitatio Helenae*, para que, para outras épocas, chamou a atenção Jo Ann MCNAMARA, *Imitatio Helenae, Sainthood as attribute of Queenship* in Sandro STICCA (direc), *Saints. Studies in Hagiography*, Binghamton, New York, 1996, 51-80.

diria de caridade - em que se empenhou, como, por exemplo, no mundo prostituição em Parma e Piacenza... Com efeito, aí, não só «si sà comunemente - recorda Sebastião de Moraes - quante infelici meretrici ella hà cavallo di peccato»<sup>156</sup>, mas também, numa acção que hoje diríamos coordenada, «col mezzo della sua autorità, et aiuto, fu eretto in questa città [Parma] un luoco chiamato la Casa delle Vergine preservate, che sono figliuole de Madri di mala vita, le quale si salvano dal pericolo, e sono religiosamente ammaestrate nel timore di Dio...»<sup>157</sup>. Recordemos, que, segundo o testemunho do seu confessor, esta última instituição foi fundada «l'anno passato», quer dizer, no ano anterior ao de sua morte, isto é, em 1576. Permita-se-nos que, talvez por ignorância, perguntemos se não será de inscrever este empenho da princesa de Parma no quadro da acção de André Avellino que o levou a fundar em Piacenza a «Casa de Santa Maria Madalena» para as «convertidas»... E ao dizê-lo assim estamos a tentar, com alguma cautela, sugerir uma consequência prática dessa direcção espiritual...

Esta última sugestão, poderia igualmente levar a perguntar se, dadas as afinidades que tem com a correspondência de André Avellino com a princesa - a conhecida e a que é possível vislumbrar através da que manteve com Ranuccio -, o «memorial de vida», na forma em que hoje o conhecemos, não será, em muitos pontos, uma reelaboração dessa direcção espiritual do santo teatino. É uma possibilidade que só uma análise da carta de Sebastião de Moraes, isto é, da *Vita e Morte della Serenissima Principessa di Parma*, que permita, de algum modo, datar alguns dos propósitos dessa «regra de vida» poderá ajudar a responder...

Se assim tiver sido, o alcance dessa correspondência foi muito mais profundo do que poderíamos ter imaginado e os teatinos do século XVIII teriam razão... Terão?

José Adriano de Freitas Carvalho

---

<sup>156</sup> Sebastião de MORAIS, *Vita...*, ed. cit., 17r-17v.

<sup>157</sup> Sebastião de MORAIS, *Vita...*, ed. cit., 17v. No seu testamento de 30.6.1577 manda: «A casa das meninas preservadas mandará o Principe meu Senhor dar de esmola cinquenta cruzados, e peço a sua excellencia me faça mercê de ler particular proteção daquela obra de tanto serviço de Deos e bem da cidade, porque se começou debaixo da minha sombra e dezejo que va em crescimento...".

APÊNDICE

I

Carta de Santo André Avellino ao duque Ottavio Farnese

Illmo et Ecc.mo sig.or e Padrone mio sempre oss.mo

Se sarò importuno à V. Ecc.tia ne darà la colpa alla tanta amorevolezza ch'ella più volta m'hà dimostrata, per la qual' hò preso ardire di chiederle questa gratia, che dirò. Intendo che V. Ecc.tia have nel suo giardino un bello seminario di piante insertatye di varii frutti. Nell'horto nostro non havemo ne peri ne pomi se non due vecchi, senza frutti: La prego dunque mi faccia gratia di due piante di peri, e due di pomi insertate, che siano delle belle, e grandette, che possano presto incominciase à fare frutti, e desideriariamo che fussero peri, e pomi di tenere per l'inverno. E si ci farà questa gratia, si degni ancora inviarcili per alcuna commodità, ch'è lei non mancano, quando manda i suoi carriaggi. Che noi non havemo alcun mezzo di far condurre se non quello di V. Ecc.tia alla quale tutti humilmente ci raccomandiamo: pregando il Signor la conservi sana, et in gratia sua à beneficio delle sue pecorelle: quali nano bisogno della sua presentia Di Piacenza il di 3 de Novembro delli 75.

Di V. s. III.ma et Ecc.ma  
Humillissimo servo  
Donn'Andrea  
Chierico regolare

(A. S. P., Carteggio Farnesiano Interno, B. 75).

II

Minuta de carta [do secretário de Ottavio Farnese?] sobre uma «copia reformada» da *Vita et Morte della Serenissima Principessa di Parma et Piacenza* de Sebastião de Morais

Molto Magnifico Signor mio osservandissimo

Hó visto quanto V. S. mi scrive con la lettera sua de 16 *per parte di Monsignore Illustrissimo Cardinal Paleotto* (a) per che io voglia operare che'l Signor Duca mio signor scriva al P. Morales che consegnì al P. Palmio à Roma la copia reformata della Vita e Morte della Signora Principessa che sia in cielo, et se bene *io non posso far cosa con piu contento mio, che ubedire s.s. Illustrissima* (b), non-

dimeno sapendo io que s. eccellentia non sarebbe scritto volontiere detta lettera perche parrebbe che ambisce troppo questa publicatione son restato di far l'ufficio presuponendo che S.S. Illustrissima per detto rispetto mi pcrdonarà et mi terra per cscusato et facil cosa sarà à procurar per altra via che per quella di s.eccellentia che detto P. Morales dia detta scrittura al P. Palmio la quale sempre che capitarà in mano di S.S. *Illustrissima* (c) (d) et la faccia aparire come disegna S. Ecc.a ne sentira molto piacere *essendo desideroso in se stesso della gloria et bona fama di S. Altezza quanto conviene el senza dir altro* à V. S. *Illustrissima baccio le mani* (e).Di Parma alli 19 Novembre 1579.

De V. S.

- (a) riscado;
- (b) riscado e substituído por: il desiderio mio[riscado]che servir a V. S.in tutto [ilegível]
- (c) riscado e substituído por: V. S.
- (d) à margem: Cardenal Paleotto
- (e) riscado e substituído por: si come le scrisse per un'altra mia a la qual [ilegível]V. S de bacciar humilmente le mani [ilegível]come li baccio anco a lei.

N. B. Todas as correcções são de outra letra

(A. S. R, Carteggio Farnesiano Interno, 1575, B. 75).